

No 79º Aniversário do Avante!

Os 40 anos
da Heróica Luta
dos Ferroviários de 1969



Greve dos valentes ferroviários
ARRANCADA PARA UMA VASTA OFENSIVA
DA CLASSE OPERÁRIA

ROVIÁRIOS
esperar



Avante! Ontem como Hoje, A Voz do Trabalho e da Luta!

No ano de 2009 assinalámos os 40 anos da luta dos Ferroviários de 1969.

Para o assinalar preparámos esta edição dos textos que foram publicados no Avante, então editado na clandestinidade, sobre esta jornada de luta dos ferroviários.

Decidimos juntar-lhe, como anexos, alguns dos documentos unitários saídos durante esse ano de 1969, e ainda um artigo de Avante do ano de 2009.

No seu conjunto, representam um conjunto de documentos de grande importância para a classe, e cujo estudo interessa a todos.

Porque é importante lembrar-nos e lembrar que os direitos que temos resultam da luta, e de uma luta travada em condições extremamente duras.

Porque é importante lembrar-nos e lembrar que nesse ano de 1969, onde a censura fascista amordaçava a voz da resistência, era no Avante que os trabalhadores encontravam a informação sobre as suas lutas.

Porque é importante perguntar: E hoje? Ao lado dos trabalhadores, na resistência à exploração, na organização da luta, continua a ser o Avante e o PCP que os ferroviários vêm a seu lado.

Índice

- Textos sobre a Luta no Avante de Dezembro de 1968

- Textos sobre a Luta no Avante de Fevereiro de 1969

- Textos sobre a Luta no Avante de Março de 1969

- Textos sobre a Luta no Avante de Maio de 1969

- Textos sobre a Luta no Avante de Outubro de 1969

- Textos sobre a Luta no Avante de Novembro de 1969

- Textos sobre a Luta no Avante de Dezembro de 1969

- Textos no Avante sobre os 40 anos da luta de 69

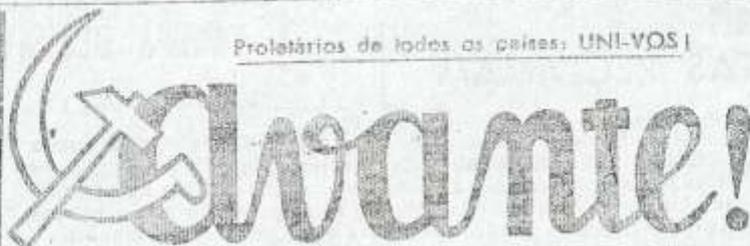
Documentos Anexos:

- Carta Aberta de Fevereiro de 1969

- Conclusões do I Encontro Nacional dos Ferroviários (Março 1969)

- Targeta de Apelo à Greve de Outubro de 1969

FAÇAMOS DO
31 DE JANEIRO
UMA JORNADA DE
UNIDADE E ACÇÃO
ANTI-FASCISTA



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

TODOS
ao
recenseamento
(ler na página dois)

A tarefa decisiva do momento LUTA POR OBJECTIVOS CONCRETOS IMEDIATOS

Com Marcelo Caetano, a ditadura fascista continua a ser a ditadura fascista. Nada mudou da sua natureza de classe. Nada mudou da sua política de exploração, de opressão, de perseguições e de terror. Nada mudou da sua política colonialista e da sua submissão ao imperialismo. Como o CC do Partido Comunista Português definiu na sua reunião de Setembro último, «o governo de Marcelo Caetano, tal como antes o governo de Salazar, é o governo da ditadura terrorista dos monopólios (associados ao imperialismo estrangeiro) e dos latifundiários».

Entretanto, a crise do regime, que se processava há muito e se agravou com o desaparecimento de Salazar, obriga a camarilha fascista a procurar por um lado reforçar os seus próprios apoios e a procurar por outro lado impedir um rápido ascenso da luta revolucionária. Tal o objectivo da demagogia «liberalizante» do novo governo.

A manobra «liberalizante» de M. Caetano

Muitas vezes o PCP sublinhou que, em resultado da política fascista ao serviço do capital financeiro, se restringia de forma crescente a base social do regime. Também muitas vezes sublinhou o desprestígio e isolamento internacional do governo fascista. Trata-se de factores de enfraquecimento do regime, favoráveis ao desenvolvimento da luta anti-fascista como um largo movimento anti-monopolista e nacional.

Com o agravamento da crise do regime decorrente do desaparecimento de Salazar, esses factores representam um real perigo para a ditadura. Parece que os fascistas também o compreenderam. Formaram um governo de compromisso entre os vários clãs fascistas. E, pondo à sua frente Marcelo Caetano, esboçaram uma manobra «liberalizante» não para pôr fim à ditadura, mas para salvá-la.

Tudo parece indicar que o governo manobrará para alargar as suas bases de apoio sociais e até políticas, procurando iludir e atrair ou pelo menos neutralizar sectores da média e da pequena burguesia. Que se esforçará para

alargar os apoios internacionais, designadamente naqueles países em que governos capitalistas que se intitulam democráticos e mesmo «socialistas» encontram forte resistência na opinião pública contra uma política de ajuda à ditadura fascista portuguesa. É desde já evidente que procura fomentar a divisão do movimento anti-fascista, provocar a expectativa, refrescar assim a luta política de massas, atrair os sectores mais vacilantes da Oposição, isolar o Partido Comunista para mais facilmente o reprimir.

Esta manobra deve ser amplamente desmascarada. Quaisquer promessas que o governo faça ou medidas que tome, que pareçam de maior «tolerância» e de «liberalização», não traduzem qualquer propósito de inaugurar um processo político que ponha termo à ditadura fascista. Tais promessas ou medidas mostram apenas as dificuldades do regime e os passos e concessões a que é forçado para tentar salvar-se. Trata-se de uma manobra de grande estilo para se consolidar no poder, no momento difícil que lhe cria o desaparecimento de Salazar

Desmascarar o governo e aproveitar com audácia as suas dificuldades

Nenhum perigo maior no momento presente que alimentar ilusões de que Marcelo Caetano pretende inaugurar uma nova política tendente a pôr progressivamente fim à ditadura fascista. Tal ilusão, que se esboça em alguns sectores da Oposição, traduz-se na ideia de que «se deve apoiar Marcelo contra os outros» e na concepção de que as lutas populares podem assustar os «liberalizantes» e refrescar um suposto

«processo de liberalização».

Nada deve mudar da atitude de combate da classe operária, de todos os democratas e patriotas contra o governo fascista. Os fascistas jamais entregarão o poder de sua livre vontade. A libertação de Portugal do fascismo jamais poderá ser obra daqueles que querem salvá-lo. A instauração da democracia terá de ser o resultado da luta das massas populares, da acção revolucionária

das forças democráticas portuguesas tendo à sua frente a classe operária e o seu Partido.

As causas, características e objectivos da fisionomia «liberalizante», com que Marcelo Caetano procura apresentar-se, devem ser amplamente desmascaradas. A luta contra a ditadura fascista deve intensificar-se em todas as frentes da luta económica e política.

Seria entretanto erro grave fechar os olhos às dificuldades que o regime atravessa e que abrem

novas perspectivas imediatas ao movimento democrático nacional.

Por isso o CC do PCP na sua reunião de Setembro insistiu na necessidade de «aproveitar audaciosamente a nova situação para quebrar o imobilismo político, exigir o cumprimento de quaisquer promessas demagógicas do governo, conquistar posições, imprimir um novo curso à vida política, impulsionar e acção política e a luta popular de massas».

Perspectiva revolucionária e luta por objectivos concretos imediatos

Assim como nada mudou na natureza de classe do governo, assim nada mudou na natureza do Estado fascista. Este continua a ser um Estado fortemente centralizado e militarista, dirigido por quadros de confiança do regime. A camarilha fascista continua manifestando a determinação de privar o povo português das mais elementares liberdades, em responder com a repressão, a violência e o terror às justas aspirações das massas populares e das forças democráticas. Por isso, com o governo fascista de Marcelo

Caetano, tal como com o governo fascista de Salazar, a perspectiva que se apresenta para pôr termo ao fascismo e instaurar um regime democrático é uma luta revolucionária aguda, e o levantamento nacional popular, é a perspectiva da insurreição.

Tal, porém, como anteriormente com o governo de Salazar, hoje com o governo de Marcelo Caetano, uma situação revolucionária não se cria com palavras exaltadas, com uma apreciação subjectivista das forças do adversário e

(continua na 2.ª pag.)

FERROVIÁRIOS! unidos e firmes pelas vossas reivindicações

Dando um novo e forte impulso à sua luta, os ferroviários entregaram ao ministro das Comunicações um abaixo-assinado subscrito por cerca de 11.000 trabalhadores.

Entre as 55 reivindicações agora apresentadas, denunciando a escandalosa exploração dos ferroviários da C.P., o aumento de 1.000\$00 mensais figura como reivindicação fundamental.

Quando se sabe que só no sector de Via e Obras, em 37 das 50 categorias ali existentes os salários vão de 425\$00 a 2.450\$00, não é possível considerar o pedido de aumento de 1.000\$00 mensais exagerado.

A luta para pôr termo aos «males dos ferroviários» não se esgota, porém, com a reclamação de aumento geral de salários, que é essencial. Os trabalhadores da C.P. reclamam igualmente a urgente satisfação de outras reivindicações prementes: subsídio de renda de casa;

horário de trabalho de 8 horas para todas as estações, apeadeiros e passagens de nível; horas extraordinárias pagas com o aumento de 50%; que a contabilização das horas extraordinárias seja processada diariamente; que seja instituído o subsídio de férias equivalente a um mês de vencimento; assistência médica e medicamentosa em conformidade com a que é dispensada pela Federação das Caixas de Previdência; que sejam actualizados os subsídios para confecção dos fardamentos.

Os ferroviários vêm aguardando, há já mais de 5 anos, que o seu Acordo Colectivo de Trabalho seja substituído por outro; naquela data foi feita a sua denúncia por desactualização. Na base das reivindicações expressas na exposição, que respondem à vontade geral dos trabalhadores, uma acção nítida e decidida deve ser levada imediata-

(continua na 3.ª pag.)

Ferrovíários! Unidos e firmes pelas vossas reivindicações

Dando um novo e forte impulso à sua luta, os ferroviários entregaram ao Ministro das Corporações um abaixo-assinado subscrito por cerca de 11.000 trabalhadores.

Entre as 33 reivindicações agora apresentadas, denunciando a escandalosa exploração dos ferroviários da C.P., o aumento de 1.000\$00 mensais figura, como reivindicação fundamental.

Quando se sabe que só no sector de Via e Obras, em 37 das 50 categorias ali existentes os salários vão de 425\$00 a 2.450\$00, não é possível considerar o pedido de aumento de 1.000\$00 mensais exagerado.

A luta para pôr termo aos «males dos ferroviários» não se esgota, porém, com a reclamação de aumento geral de salários, que é essencial. Os trabalhadores da C.P. reclamam igualmente uma urgente satisfação de outras reivindicações prementes: subsídio de renda de casa; horário de trabalho de 8 horas para todas as estações, apeadeiros e passagens de nível; horas extraordinárias pagas com o aumento de 50%; que a contabilização das horas extraordinárias seja processada diariamente; que seja instituído o subsídio de férias equivalente a um mês de vencimento; assistência médica e Medicamentosa em conformidade com a que é dispensada pela Federação das Caixas de Previdência; que sejam actualizados os subsídios para confecção dos fardamentos.

Os ferroviários vêm aguardando, há já mais de 5 anos, que o seu Acordo Colectivo de Trabalho seja substituído por outro; naquela data foi feita a sua denúncia por desactualização. Na base das reivindicações expressas na exposição, que respondem à vontade geral dos trabalhadores, uma acção unida e decidida deve ser levada imediatamente a cabo pelos ferroviários, a fim de impedir que o novo Acordo Colectivo de Trabalho seja elaborado e negociado sem a sua discussão e aprovação prévia por toda a classe.

Cruzar os braços e ficar à espera é consentir que o governo e a CP deixem sem solução os problemas da classe. Os exploradores nunca fazem concessões por sua livre vontade. Se os ferroviários não fortalecerem ainda mais a sua unidade e se não mantiverem o patronato e o governo sob

uma pressão constante, poderão, quando muito, contar apenas com algumas migalhas que mais não seriam que um verdadeiro insulto à sua miséria e à sua dignidade.

Sem confiar na Comissão nomeada pelo governo, cuja missão é entreter o mais possível e iludir os trabalhadores, reunindo-se em massa para estudar a situação e para que seja resolvido por TODOS o que devem fazer, os ferroviários devem desenvolver uma acção permanente e unida junto da direcção da CP, nos sindicatos, nos locais de trabalho. Isto exige que sejam criadas as formas de

organização necessárias para coordenar e dirigir a acção nas várias fases de luta a que os ferroviários tenham de recorrer para a conquista das suas reivindicações.

Operários, trabalhadores do movimento e da via e obras, empregados de escritório, todos são vítimas da mesma exploração. Só os vossos exploradores tiram proveito de vossa divisão. Opondo-vos unidos, organizados e combativos à exploração sereis uma força invencível, capaz de forçar o patronato e o governo a satisfazer as vossas justas reivindicações.



Greve das operárias da Joffa

Contra a exploração dos operários em condições de trabalho e operárias da JOFFA (antiga EEN), em Alentejo, tem por si a greve, dando nova posição a luta combativa dos trabalhadores.

Quando a greve de operários e comunicados sobre a greve operária militarizada foram os seus elementos de força e qualidade. Vendido por uma assembleia local, os operários, um aumento de salário conseguido sem a greve e a greve entre os trabalhadores. Nenhuma delas se deixou convencer pelas máquinas proprietárias por esta luta de burguesia e do fascismo quando, ocorrendo de serção em estado de greve, com que a indústria reconhecesse outras condições. Uma nova medida foi a luta feita que os videntes operários combateram.

Nem as forças repressivas da GNR, as suas brutalidades as operárias e operários ripostaram com todas as energias e por todas as formas de seu alcance, nem a colónia Pide, conseguiram reprimir o impulso indomável dos operários em luta. A greve dura 24 horas e salda-se por uma importante vitória: a garantia do aumento de 100% diários.

Com o seu exemplo, as operárias e operários da JOFFA devem mais uma vez demonstrar que só pela acção unida, firme e decidida, vigilância dos membros do patronato e capazes de enfrentarem com audácia as forças repressivas sem se deixarem paralisar por elas, os trabalhadores poderão arrancar do patronato a satisfação das suas justas reivindicações.

Incentivar a luta reivindicativa

Hidroeléctrica do Douro

Com a espoliação entregue pelos trabalhadores reivindicando o direito de sair da administração desta empresa, foi colidida da natureza prometendo ser brevemente uma resposta.

Após a sua pronta resposta e um pronto aumento de salário e um aumento de 100% mensais, com a luta fundamental para fazer face ao aumento constante do custo de vida.

Companhia dos telefones

As reivindicações apresentadas pelos trabalhadores, recusa-se a Companhia a dar aumento de salários limitando-se a estabelecer outras reivindicações de menor importância. Através do sindicato e da empresa, impõe-se que os trabalhadores insistam na sua luta por aumento de salário, condição fundamental para fazer face ao aumento constante do custo de vida.

Metalúrgicos do Porto

Os metalúrgicos manifestam o seu descontentamento com a falta do seu Contrato Colectivo de Trabalho. Através dum Comitee, os trabalhadores apresentam uma exposição ao Sindicato reclamando a convocação de uma assembleia geral com vista à discussão e adopção de medidas necessárias para um novo Contrato que responda às necessidades dos trabalhadores.

CUF DO BARREIRO

Entre as aspirações mais sentidas dos trabalhadores desta empresa figuram: o aumento de 50% diários, pagamento de todo o pessoal a mensal com o pagamento dos 30 dias, subsídio de RP, para as turnos da noite, pagamento de 100% mês pelo Natal.

Estas e as outras reivindicações devem tornar-se condições de TODOS os operários e a sua satisfação ser por TODOS insistentemente reclamada que na luta de trabalho e na greve, quer nos sindicatos e junto do patronato.

A força dos trabalhadores está na sua união, mas para que esta força não caia por terra as manifestações do patronato e do fascismo é indispensável a organização. A fim de melhor estabelecer os seus problemas da classe e esclarecer as formas de acção a seguir, em todas as fábricas e oficinas da CUF, os operários e operárias deverão criar rapidamente comissões, grupos ou quaisquer outras formas de organização mais adequadas.

Operários e operárias de CUF O actual momento é favorável para o desenvolvimento da sua luta.

O PARTIDO E OS FUNDOS

Para poder realizar as grandes tarefas políticas, orgânicas e de propaganda e aplicação que lhe incumbem, o Partido precisa de aumentar as suas receitas de maneira substancial e regular.

A realização desta importante tarefa política e de massa exige que as organizações e instituições responsáveis das mesmas, das listas, regiões, etc., se dediquem imediatamente a atingir os seus fins, através de campanhas de trabalho e de outras medidas práticas de organização que são a actividade mais urgente para as nossas instituições.

A classe operária, as nossas instituições, os sindicatos progressistas, os estudantes e outros sectores da população activa devem, e podem, contribuir para a realização das tarefas políticas do Partido.

Quantias recebidas dos amigos do Partido

Nome	Valor	Por Esc.	Valor	Total
Alto Pente (F. N.)	40000	20000	20000	40000
Alto Pente (F. N.)	30000	15000	15000	30000
Alto Pente (F. N.)	20000	10000	10000	20000
Alto Pente (F. N.)	10000	5000	5000	10000
Alto Pente (F. N.)	5000	2500	2500	5000
Alto Pente (F. N.)	2500	1250	1250	2500
Alto Pente (F. N.)	1250	625	625	1250
Alto Pente (F. N.)	625	312	312	625
Alto Pente (F. N.)	312	156	156	312
Alto Pente (F. N.)	156	78	78	156
Alto Pente (F. N.)	78	39	39	78
Alto Pente (F. N.)	39	19	19	39
Alto Pente (F. N.)	19	9	9	19
Alto Pente (F. N.)	9	4	4	9
Alto Pente (F. N.)	4	2	2	4
Alto Pente (F. N.)	2	1	1	2
Alto Pente (F. N.)	1	0	0	1
Alto Pente (F. N.)	0	0	0	0
TOTAL	200000	100000	100000	200000

NATAL DO PREÇO POLÍTICO

1967 37.200.000

Festa do C. F. Nacional - 1968 (100% para pressões políticas e famílias) 10.000.000

Pressões políticas e famílias (Can.) 2.750.000

TOTAL 49.950.000

A estas importâncias foi dado o destino indicado.

Ajudai financeiramente o Partido

MINEIROS DE S. PEDRO DA COVA

Verificando que não podiam confiar na direcção do Sindicato para defender energicamente os seus interesses, os mineiros decidiram não deixar para mãos alheias o desenvolvimento da sua luta. Tendo tomado a iniciativa de enviar um abaixo-assinado ao Instituto Nacional de Trabalho, os mineiros conseguiram um primeiro vitória: que o subsídio de férias lhes fosse pago de acordo com o salário actual e não com o salário anterior, como a empresa pretendia.

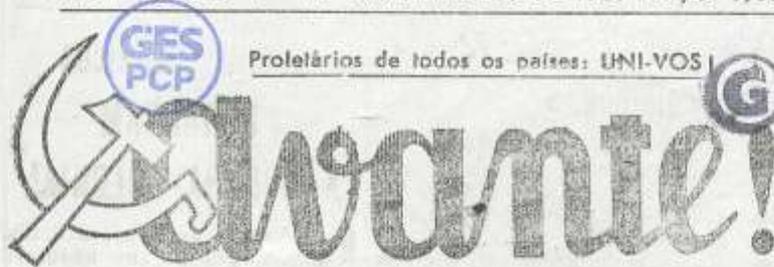
Mas a luta dos mineiros não pode parar. Unidos e firmes, desmascarando a direcção do Sindicato e lutando por eleições com uma nova direcção da comissão de classe, os mineiros deverão prosseguir o seu combate. Os Sindicatos e os trabalhadores devem integrar o subsídio de férias em seu salário.

FERROVIÁRIOS

(continuação de 1.ª pág.)

mente a cabo pelos ferroviários, a fim de impedir que o novo Acordo Colectivo de Trabalho seja elaborado e negociado sem a sua discussão e aprovação prévia por toda a classe.

Cruzar os braços e ficar à espera é consentir que o governo e a CP deixem sem solução os problemas da classe. Os exploradores nunca fazem concessões por sua livre vontade. Se os ferroviários não fortalecerem ainda mais a sua unidade e se não mantiverem o patronato e o governo sob



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O funeral de António Sérgio PODEROSA MANIFESTAÇÃO ANTI-FASCISTA

Perca de 2.500 pessoas concentraram-se no cemitério dos Prazeres e no largo fronteiro para acompanhar o funeral de António Sérgio, prestando homenagem ao corajoso democrata e lutador anti-fascista, um dos mais altos valores do pensamento progressista português.

Milhares de trabalhadores, democratas de todo o país, intelectuais, estudantes, participaram nesta poderosa manifestação anti-fascista. À saída do cemitério soaram os gritos: «ABAIXO O FASCISMO! VIVA A DEMOCRACIA! AMNISTIA!». No largo dos Prazeres começaram os choques com a polícia que ali se concentrara em força. Vencendo as barreiras policiais, os manifestantes, na sua maioria jovens e trabalhadores, ganharam as ruas. Calculam-se em muitos milhares os participantes da manifestação que percorreu as ruas de Lisboa.

A actuação das forças repressivas demonstra a atitude do governo de Caetano contra todas as manifestações democráticas. Mas não conseguiu impedir que o funeral constituísse uma grande manifestação contra o fascismo e pela Liberdade.

A participação massiva das camadas populares evidenciou claramente o desejo de unidade que as anima, o que deveria constituir indicação e aviso para alguns sectores da Oposição. E mostra as amplas perspectivas abertas à luta popular e a todo o movimento antifascista no actual momento político.

30.000 ferroviários CONTRA O GOVERNO FASCISTA E A C.P.

Nem os monopólios nem o seu governo cederão qualquer coisa de vontade própria. Apenas através da aguda luta de classes pederá o proletariado ir obtendo concessões até ao desaparecimento das classes exploradoras e do seu governo, única solução para a contradição irreconciliável que opõe o capital ao trabalho.

Se nos últimos três meses, apesar da censura e das intimidações das forças repressivas, a voz dos ferroviários passou a ser ouvida, a ponto de perturbar o sono dos dirigentes da CP e dos governantes fascistas, foi porque do descontentamento e dos queixumes surdos, os 30.000 ferroviários passaram à acção aberta — massiva, unida e organizada — gritando com veemência as suas justas reivindicações. Entre estas, o aumento de 1.000\$00 mensais ocupava e ocupa o primeiro lugar.

A luta é o único caminho

O governo e a C.P. procuraram desde o início ignorar as reivindicações dos ferroviários. O aparecimento prematuro da exposição reivindicativa dos empregados Serviços Centrais da C.P., subscrita por 700 assinaturas e a publicidade que lhe foi feita está sem dúvida ligado a uma manobra soprada por agentes da direcção da C.P. e do governo para

confundir e dividir os ferroviários. É certo que a manobra fracassou mas, no princípio, ainda conseguiu provocar algumas perturbações entre os ferroviários.

Mesmo depois da entrega, no Ministério das Corporações, da

O governo é forçado a quebrar o silêncio

Com a Comissão Nacional Ferroviária à frente, acicatados por dificuldades de longos anos e pelo aumento diário do custo de vida, os ferroviários comunicam entre si à escala nacional, consultando-se sobre as formas de actuação a pôr em prática para obterem a satisfação das suas instantes reivindicações.

exposição reivindicativa subscrita por 10.152 trabalhadores, ainda a C.P. e o governo procuraram manter silêncio, impedindo todos os órgãos de informação de tornarem conhecidas as reivindicações e a razão dos ferroviários.

Em fins de Novembro passado,

era enviada à direcção da C.P. uma exposição assinada por mais de 400 ferroviários, exigindo que fossem atendidas imediatamente as suas reivindicações fundamentais:

- aumento geral de 1.000\$00;
- subsídio de renda de casa;

(continua na 3.ª pág.)

DOIS CAMINHOS

unidade, organização e luta

ou

espectativa e colaboracionismo

Se as forças democráticas derem provas de firmeza política, de iniciativa, de audácia e de coragem, a crise do regime e a manobra «liberalizante» com que procura salvar-se abrem possibilidades novas, reais, para um rápido desenvolvimento da luta popular, para alcançar a satisfação de muitas reivindicações imediatas, para reforçar a organização e a acção democrática, para agravar a crise do regime

fascista, para criar sólidas bases para grandes lutas pela liberdade.

A situação é extremamente favorável para as forças democráticas. Favorável, mas perigosa. As ilusões acerca das «boas intenções» de M. Caetano, a expectativa, a passividade e a divisão, podem impossibilitar o movimento democrático de aproveitar a conjuntura actual e podem permitir à camarilha fascista vencer a crise, prosseguir a política de exploração, de terror e de guerra e consolidar-se no poder a coberto da manobra «liberalizante».

Tem de dizer-se com toda a clareza que alguns sectores da Oposição, particularmente «socialistas», se entregam a manobras de bastidores contra a unidade e a acção do movimento democrático. Eles apregoam as «boas intenções» de M. Caetano e que se deve esperar o que vai fazer. Eles negam-se a participar em iniciativas conjuntas pelas reivindicações imediatas mais sentidas pelo povo português. Eles afirmam serem «prejudiciais» as lutas populares, que entretanto são o único caminho para impedir a consolidação do regime e obrigá-lo a reais concessões. Tem de dizer-se com toda a clareza que, nestas opiniões e actividades, assim como por detrás delas, se manifestam tendências nítidas para o colaboracionismo com a ditadura, o que é caminho direito para a completa capitulação daqueles que por ele venham a enveredar.

Dadas tais vacilações e oportunismo, os fascistas estão colhendo alguns frutos da sua manobra «liberalizante». Uma certa expectativa, ilusões, falta de coordenação e de iniciativa anti-fascista, reais perigos de divisões profundas na Oposição e de alargamento das bases de apoio do fascismo.

Por isso os fascistas insistem nos seus esforços para aprofundar as fracturas na Oposição. Eles



A nova equipa renovadora e liberalizante

30.000 ferroviários contra o governo fascista e a CP

Nem os monopólios nem o seu governo cederão qualquer coisa de vontade própria. Apenas através da aguda luta de classes poderá o proletariado ir obtendo concessões até ao desaparecimento das classes exploradoras e do seu governo, única solução para a contradição irreconciliável que opõe o capital ao trabalho.

Se nos últimos três meses, apesar da censura e das intimidações das forças repressivas, a voz dos ferroviários passou a ser ouvida, a ponto de perturbar o sono dos dirigentes da CP e dos governantes fascistas, foi porque do descontentamento, e dos queixumes surdos, os 30.000 ferroviários passaram à acção aberta - massiva, unida e organizada - gritando com veemência as suas justas reivindicações. Entre estas, o aumento de 1.000\$00 mensais ocupava e ocupa o primeiro lugar.

Aluta é o único caminho

O governo e a C.P. procuraram desde o início ignorar as reivindicações dos ferroviários. O aparecimento prematuro da exposição reivindicativa dos empregados dos Serviços Centrais da C.P., subscrita por 700 assinaturas e a publicidade que lhe foi feita está sem dúvida ligado a uma manobra soprada por agentes da direcção da C.P. e do governo para confundir e dividir os ferroviários. É certo que a manobra fracassou mas, no princípio, ainda conseguiu provocar algumas perturbações entre os ferroviários. Mesmo depois da entrega, no Ministério das Corporações, da exposição reivindicativa subscrita por 10.152 trabalhadores, ainda a C.P. e o governo procuraram manter silêncio, impedindo todos os órgãos de informação de tornarem conhecidas as reivindicações e a razão dos ferroviários.

O governo é forçado a quebrar o silêncio

Com a Comissão Nacional Ferroviária à frente, acicatados por dificuldades de longos anos e pelo aumento diário do custo de vida, os ferroviários comunicam entre si à escala nacional, consultando-se sobre as formas de actuação a pôr em prática para obterem a satisfação das suas instantes reivindicações.

Em fins de Novembro passado, era enviada à direcção da C.P. uma exposição

assinada por mais de 400 ferroviários, exigindo que fossem atendidas imediatamente as suas reivindicações fundamentais:

- aumento geral de 1.000\$00;
- subsídio de renda de casa;
- horário de trabalho de 8 horas para todas as estações, apeadeiros e passagens da nível;
- pagamento das horas extraordinárias com um aumento de 50%;
- subsídio de férias equivalente a um mês de vencimento;
- assistência médica-medicamentosa em conformidade com a que é dispensada pela Federação das Caixas de Previdência;
- actualização dos subsídios para confecção dos fardamentos;

No dia 3 de Dezembro, colocando as mesmas exigências, outra exposição era enviada à direcção da C.P. com 260 assinaturas, logo apoiada por cerca de 1.000 telegramas, na sua maioria colectivos, vindos de todos os sectores ferroviários.

A par destas acções, em apoio das reivindicações nelas contidas, os ferroviários enviaram cartas e telegramas ao governo, individual e colectivamente.

No dia 8 de Dezembro, é sob esta pressão que o governo, por intermédio do ministro das Corporações, é forçado a dar a conhecer ao País as prementes reclamações dos ferroviários e a fazer promessas.

Uma pequena vitória que não satisfaz os ferroviários

A promessa do mísero aumento global anual de 70.000 contos para os 30.000 ferroviários, feita pelo ministro das Corporações em 8 de Dezembro, provocou a justa indignação dos trabalhadores.

Passando da indignação à acção imediata, enviaram àquele ministro fascista uma carta aberta. Apenas em 4 dias, foi esta subscrita por 3.468 ferroviários e logo apoiada por mais de 1.000 telegramas dos vários sectores das linhas, considerando irrisório, ridículo e mesquinho o aumento prometido e insistindo na reivindicação dum vencimento compatível com o elevado custo de vida. O luto ferroviário, seguido por cerca de 80% do pessoal, foi mais um motivo de susto para o governo. Ao mesmo tempo, os ferroviários desmascaravam a demagogia dos governantes fascistas que ousavam falar em sacrifícios a suportar por todos. Não, não é verdade que o governo peça sacrifícios aos bancos e empresas que amontoam lucros escandalosos, tal como não representam sacrifícios os ordenados dos dirigentes da C.P. que passaram recentemente, por ordem crescente de 9.500\$00 para 21.000\$00; de 13.000\$00 para 22.000\$00 e de 13.000\$00 para 23.000\$00!

Se tivermos em conta que, antes do recente aumento, 4 categorias de ferroviários ganhavam apenas entre 550\$00 e 900\$00 por mês e que outras 8 ganhavam de 1.200\$00 a 1.950\$00, não é possível deixar

ANO - 28 SÉRIE VI - N.º 399 FEVEREIRO DE 1969 PREÇO: 1500

Proletários de todos os países: UNIMOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O funeral de António Sérgio
PODEROSA MANIFESTAÇÃO ANTI-FASCISTA

Dezenas de 2.000 pessoas convertem-se no cemitério das Póvoas para se fazer o funeral de António Sérgio, protestando contra o regime fascista e a traição da direita, com dois mil e quinhentos de manifestantes que, vindos de todos os sectores da linha, se juntaram ao funeral. A saída do cemitério ocorreu ao ritmo de marcha, com os manifestantes a cantar o hino da liberdade.

30.000 ferroviários
CONTRA O GOVERNO FASCISTA E A C.P.

Nas suas reivindicações não se trata de concessões que se possam obter sem a luta de classes. Apenas através da aguda luta de classes poderá o proletariado ir obtendo concessões até ao desaparecimento das classes exploradoras e do seu governo, única solução para a contradição irreconciliável que opõe o capital ao trabalho.

Se nos últimos três meses, apesar da censura e das intimidações das forças repressivas, a voz dos ferroviários passou a ser ouvida, a ponto de perturbar o sono dos dirigentes da CP e dos governantes fascistas, foi porque do descontentamento, e dos queixumes surdos, os 30.000 ferroviários passaram à acção aberta - massiva, unida e organizada - gritando com veemência as suas justas reivindicações. Entre estas, o aumento de 1.000\$00 mensais ocupava e ocupa o primeiro lugar.

Com a Comissão Nacional Ferroviária à frente, acicatados por dificuldades de longos anos e pelo aumento diário do custo de vida, os ferroviários comunicam entre si à escala nacional, consultando-se sobre as formas de actuação a pôr em prática para obterem a satisfação das suas instantes reivindicações.

O governo é forçado a quebrar o silêncio

Em fins de Novembro passado, era enviada à direcção da C.P. uma exposição assinada por mais de 400 ferroviários, exigindo que fossem atendidas imediatamente as suas reivindicações fundamentais:

- aumento geral de 1.000\$00;
- subsídio de renda de casa;
- horário de trabalho de 8 horas para todas as estações, apeadeiros e passagens da nível;
- pagamento das horas extraordinárias com um aumento de 50%;
- subsídio de férias equivalente a um mês de vencimento;
- assistência médica-medicamentosa em conformidade com a que é dispensada pela Federação das Caixas de Previdência;
- actualização dos subsídios para confecção dos fardamentos;

No dia 3 de Dezembro, colocando as mesmas exigências, outra exposição era enviada à direcção da C.P. com 260 assinaturas, logo apoiada por cerca de 1.000 telegramas, na sua maioria colectivos, vindos de todos os sectores ferroviários.

A par destas acções, em apoio das reivindicações nelas contidas, os ferroviários enviaram cartas e telegramas ao governo, individual e colectivamente.

No dia 8 de Dezembro, é sob esta pressão que o governo, por intermédio do ministro das Corporações, é forçado a dar a conhecer ao País as prementes reclamações dos ferroviários e a fazer promessas.

A promessa do mísero aumento global anual de 70.000 contos para os 30.000 ferroviários, feita pelo ministro das Corporações em 8 de Dezembro, provocou a justa indignação dos trabalhadores.

Passando da indignação à acção imediata, enviaram àquele ministro fascista uma carta aberta. Apenas em 4 dias, foi esta subscrita por 3.468 ferroviários e logo apoiada por mais de 1.000 telegramas dos vários sectores das linhas, considerando irrisório, ridículo e mesquinho o aumento prometido e insistindo na reivindicação dum vencimento compatível com o elevado custo de vida. O luto ferroviário, seguido por cerca de 80% do pessoal, foi mais um motivo de susto para o governo. Ao mesmo tempo, os ferroviários desmascaravam a demagogia dos governantes fascistas que ousavam falar em sacrifícios a suportar por todos. Não, não é verdade que o governo peça sacrifícios aos bancos e empresas que amontoam lucros escandalosos, tal como não representam sacrifícios os ordenados dos dirigentes da C.P. que passaram recentemente, por ordem crescente de 9.500\$00 para 21.000\$00; de 13.000\$00 para 22.000\$00 e de 13.000\$00 para 23.000\$00!

Se tivermos em conta que, antes do recente aumento, 4 categorias de ferroviários ganhavam apenas entre 550\$00 e 900\$00 por mês e que outras 8 ganhavam de 1.200\$00 a 1.950\$00, não é possível deixar

DOIS CAMINHOS
unidade, organização e luta
ou
espectativa e colaboracionismo

da considerar como verdadeiro insulto à miséria dos ferroviários o abismo existente entre aqueles ordenados e a promessa do miserável aumento prometido.

Apesar de tudo, nem essa promessa os fascistas desejariam fazer. Os ferroviários andariam, pois, bastante mal se não considerassem como uma primeira vitória sua, fruto da sua luta, este primeiro passo a que forçaram o governo.

Da mesma maneira deve ser interpretada a promessa, também pública, da completa equiparação do esquema de benefícios da Caixa de Previdência dos Ferroviários aos das instituições de Previdência do Comércio e Indústria.

Uma segunda vitória que não pode satisfazer os ferroviários

[Com] A reacção pronta dos ferroviários contra a mísera promessa do governo, os ferroviários obtiveram uma segunda vitória: o governo que na primeira declaração pública não tinha ido além de promessas e, da nomeação duma Comissão para «estudar» o problema, com o objectivo de entreter indefinidamente os ferroviários, foi forçado a ceder um aumento global de 96.000 contos, mais 37% do que o anteriormente prometido.

Tal facto demonstra só por si que a luta é o único caminho e que os resultados alcançados pelos trabalhadores serão tanto melhores quanto mais firme, unida e decidida for a sua luta.

A luta deve continuar e tomar novas formas

Para algumas categorias, o aumento por percentagens é pouco mais que nada. Os aumentos de 9% para os reformados e de 12,2% para os trabalhadores do activo, não satisfizeram ninguém. Ligados, porém, à satisfação da reivindicação sobre a Previdência, representem, sem sombra de dúvida, uma vitória parcial dos ferroviários.

Mas os ferroviários não conseguirão ver satisfeitas todas as outras reivindicações, em particular os 1.000\$00 de aumento, se não tirarem imediatamente os ensinamentos destas experiências e das vitórias parciais obtidas, se não recorrerem audaciosamente a acções mais enérgicas.

toda a linha, sobre o que fazer e como fazer. Todos os trabalhadores puderam pronunciar-se sobre as reivindicações que desejam ver satisfeitas e as formas de o conseguir.

Porém, paralelamente às exposições, às circulares, às cartas e recolha de assinaturas para as apoiar, deveriam também os ferroviários ter realizado reuniões massivas nos locais de concentração habitual, concentrações junto das direcções central e locais da C.P.,

manifestações de rua em direcção às autoridades locais; não permitindo que o grito das suas reclamações pudesse ser abafado pelo governo fascista. E se estas formas de luta não bastassem para forçar o governo e a C.P. a atender as justas reivindicações dos 30.000 ferroviários portugueses, a greve de braços caídos seria o mais curto caminho para a vitória.

Se os 30.000 ferroviários decidirem prosseguir, unidos e firmemente a via que apontamos, conquistarão as reivindicações não satisfeitas.

AVANTE

AVANTE NA LUTA POR OBJECTIVOS CONCRETOS IMEDIATOS

Os trabalhadores da APT NA LUTA SINDICAL

Após dos seus representantes sindicais nos comités locais para a elaboração do Acordo Colectivo de Trabalho, os trabalhadores da APT reclamam a urgente satisfação das suas reivindicações fundamentais: aumento geral de vencimentos, subsídio de Natal correspondente a 100%, sobre o ordenado do último mês anual, formação de 2 escalões para atribuição do subsídio de férias de 50% e 100%, sobre os salários ordenados.

Trabalhadores da APT! Com a vossa acção insistente e unida, em assembleias, concentrações e todas as formas de luta no trabalho, apoiando e impulsionando a iniciativa dos vossos representantes sindicais, para que sejam rapidamente satisfeitas as vossas justas reivindicações.

Alerta às eleições sindicais!

Os comités locais convocados para as Assembleias Gerais dos comités locais regionais e outros se reuniram.

— Logo, pois, que os trabalhadores apresentem as suas listas de candidaturas, e lá vão o voto por feição em muitos casos.

— Há que incentivar, em toda a linha, as listas sindicais, a organização de comités sindicais.

— A comissão organizadora das listas de candidaturas deve elaborar cuidadosamente o quadro eleitoral, e dar-lhe ampla divulgação nos locais de trabalho.

— Cada grupo de candidatos deve desenvolver nos comités locais do trabalho a actividade que se propõe realizar no caso de ser eleito.

— Cada grupo de candidatos deve visitar as empresas onde há voto de cada candidato, para explicar a situação e simultaneamente as mesmas exigências, única excepção era enviada à direcção da C.P., com 200 assinaturas, logo apoiada por cerca de 1.000 delegados, na sua maioria colectiva, vindos de todos os sectores ferroviários.

A par destas acções, em apoio das reivindicações, há que combater, os ferroviários «carriéis» cartas e telegramas ao governo, indivíduos e colectivamente.

No dia 9 de Dezembro, é sob esta pressão que o governo, por intermédio do ministro das Categorias, é forçado a dar a Comissão de Enq. as primeiras satisfações das reivindicações e a fazer promessas.

Os carriéis em luta

Cerca de 300 carriéis deram início à sua luta contra a retribuição de férias de que são vítimas, concentrando-se em massa, na Praça do Comércio, em frente do Ministério das Comunicações, para solicitar o aumento de vencimentos.

Foi uma corajosa manifestação contra o Estado-fascista, que deve ser seguida.

— Têm as cartilhas credenciadas a força de voto, mas só a força de unidade e a persistência no luta os conduzem à vitória.

OS OPERÁRIOS DA CARRIS VOLTAM À ACÇÃO

Um clima de descontentamento e de luta impulsiona, cada vez mais, o movimento de reivindicações que se mantém por vezes sob a forma de greves de trabalho, em particular de Lisboa, os operários da Carris voltam à acção.

Para algumas categorias, o aumento por percentagens é pouco mais que nada. Os aumentos de 9% para os reformados e de 12,2% para os trabalhadores do activo, não satisfizeram ninguém. Ligados, porém, à satisfação da reivindicação sobre a Previdência, representem, sem sombra de dúvida, uma vitória parcial dos ferroviários.

Mas os ferroviários não conseguirão ver satisfeitas todas as outras reivindicações, em particular os 1.000\$00 de aumento, se não tirarem imediatamente os ensinamentos destas experiências e das vitórias parciais obtidas, se não recorrerem audaciosamente a acções mais enérgicas.

Porém, paralelamente às exposições, às circulares, às cartas e recolha de assinaturas para as apoiar, deveriam também os ferroviários ter realizado reuniões massivas nos locais de concentração habitual, concentrações junto das direcções central e locais da C.P., manifestações de rua em direcção às autoridades locais; não permitindo que o grito das suas reclamações pudesse ser abafado pelo governo fascista. E se estas formas de luta não bastassem para forçar o governo e a C.P. a atender as justas reivindicações dos 30.000 ferroviários portugueses, a greve de braços caídos seria o mais curto caminho para a vitória.

30.000 FERROVIÁRIOS CONTRA A C.P.

Uma pequena vitória que não satisfaz os ferroviários

Uma segunda vitória que não pode satisfazer os ferroviários

Uma terceira vitória que não pode satisfazer os ferroviários

A reacção pronta dos ferroviários contra a mísera promessa do governo; os ferroviários obtiveram uma segunda vitória: o governo que na primeira declaração pública não tinha ido além de promessas e, da nomeação duma Comissão para «estudar» o problema, com o objectivo de entreter indefinidamente os ferroviários, foi forçado a ceder um aumento global de 96.000 contos, mais 37% do que o anteriormente prometido.

Tal facto demonstra só por si que a luta é o único caminho e que os resultados alcançados pelos trabalhadores serão tanto melhores quanto mais firme, unida e decidida for a sua luta.

60.000 TRABALHADORES EM LUTA

(continuação da 1.ª pág.)

O patronato cedeu, passando ao pagamento mensal (com todos os domingos pagos e as regalias dos mensais), mas alguns operários foram presos. Os colegas fizeram novas paralisações enquanto eles não foram libertados e reintegrados.

Greve na Robbialac

Os 200 operários da Robbialac de Sacavém realizaram uma concentração fora da empresa, recusando-se a trabalhar enquanto a gerência não decidisse finalmente dar-lhes os aumentos pedidos há muito. A polícia chegou em grande força, mas os operários resolveram entrar na fábrica, onde se mantiveram de braços caídos, enquanto a Comissão de Unidade eleita por todos voltava a apresentar as reivindicações. Venceram. Além de aumento de salários obtiveram o 7.º dia.

Greve na Trefilaria

Na 3.ª semana de Janeiro todo o pessoal resolveu iniciar uma greve de braços parados na Trefilaria de Sacavém (cerca de 400 operários). O turno do dia iniciou a acção, sendo depois secundado pelo turno da tarde, como forma de pressão para obrigar a gerência a ceder às reivindicações que lhe vinham sendo apresentadas pela Comissão representativa dos operários. Obtiveram a vitória. Passaram todos a ganhar ao mês, com as respectivas regalias, incluindo o pagamento de todos os domingos.

Greve na Lisnave

Cerca de 2.000 operários da Lisnave do Seixal fizeram greve durante toda a manhã do dia 31 de Dezembro. Já depois da paralisação, 750 operários rodearam o presidente do Conselho de Administração, eng. Vasco de Melo, expondo-lhes as suas reivindicações de pagamento de todos os domingos e aumento de salários.

Concentração e paralisação no Arsenal

No dia 9 de Janeiro algumas centenas de operários realizaram uma concentração junto da administração. No dia seguinte, os 2.300 operários do Arsenal paralisaram o trabalho durante uma hora para discutirem os seus problemas e elegerem uma comissão encarregada de elaborar e apresentar as reivindicações. A discussão dos 2.300 operários, realizada em cada secção, foi colectiva e amplamente democrática. Dias depois, era apresentada à administração uma exposição com as reivindicações, entre as quais aumento de salários, o pagamento dos domingos, melhoria da assistência médica, do sistema de licenças, das condições de trabalho, etc.

Greve na Intar — No dia 1 de Fevereiro os operários desta empresa de tabacos fizeram uma greve de braços caídos por aumento de salários.

Na Parry & Son

Apoiando as suas reivindicações, os operários da margem-sul recusaram-se a fazer horas extraordinárias. A seguir foram os operários da margem de Lisboa que iniciaram também a recusa de serões, exigindo da mesma forma o aumento de salários e o pagamento do 7.º dia.

Na Portugal e Colónias

Valente luta dos operários contra a brutal intensificação de trabalho. Na semana de 19-26 de Janeiro após a entrada das novas máquinas que ensacavam muita mais, exigindo maior esforço dos operários (cujos ordenados não foram aumentados paralelamente ao aumento da produção), estes desligaram as máquinas. Os prejuízos foram grandes. A direcção chamou o exército para obrigar os operários a trabalharem, mas não o conseguiu.

Greve na Simões

Cerca de 1.200 operários (na maioria mulheres) desta empresa têxtil de Benfica, fizeram greve por aumento de salários e outras reivindicações que há muito vinham levantando.

A onda de lutas reivindicativas cujo foco se situa por agora na região de Lisboa e à sua volta, tem que alargar-se a novas regiões e novos sectores. O número de vitórias já obtidas, prova que lutas simultâneas ou coordenadas têm maior poder ofensivo contra o fascismo e o patronato. Prova a importância da organização unitária (comissões ou outras formas) que possa conduzir rapidamente a luta dumas fases a outras superiores, com o apoio da massa operária e com a decisão, tomada democraticamente em amplas assembleias, sobre as reivindicações e as formas de luta a seguir.

TRABALHADORES DE TODO O PAÍS! Operários e empregados da indústria e dos transportes, assalariados rurais, pescadores: **A HORA É DE OFENSIVA!**

OS 30.000 FERROVIÁRIOS não devem esperar

Só quando os ferroviários resolverem usar a linguagem da luta unida em todos os serviços, linhas e oficinas, conseguiram fazer ouvir a sua voz. Só então a C.P. e o governo se viram forçados a vir a público justificar-se e fazer promessas de um aumento — irrisório — julgando que assim mais uma vez impediriam os 30 mil ferroviários de ir para diante na sua justa luta por melhores condições de vida. Porém, a magnífica e pronta reacção dos ferroviários, referida no último número do «Avante!», obrigou o governo e a C.P. a aumentarem substancialmente a verba global que se tinham mostrado dispostos a dispendir.

Rompendo o silêncio imposto

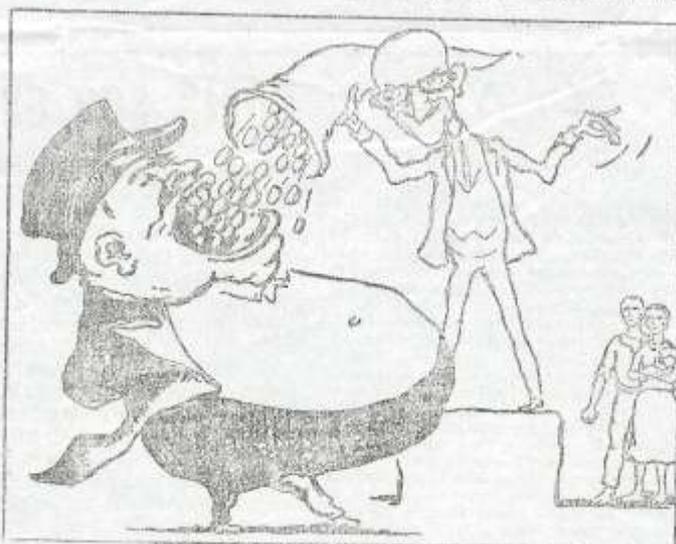
que esta polícia não tinha nada que se intrometer na vida dos ferroviários. Devido às muitas centenas de protestos, individuais e colectivos, o governo foi forçado a ordenar a libertação do ferroviário Firmino Martins preso no decorrer da luta. Noutros lados, porém, a acção criminosa das forças repressivas abalou temporariamente a determinação combativa dos ferroviários, experiência que deve ser tida em conta na fase seguinte da luta.

O aumento médio de 12,2% deixou ainda os salários dos ferroviários num nível extremamente baixo em relação a outros sectores operários. Não tendo atingido a necessária amplitude nem as formas de tipo superior e não tendo tido a conduzi-la uma forte rede de organismos, a luta dos ferroviários não reuniu ainda as condições indispensáveis para obrigar o governo e a C.P. a satisfazerem as reivindicações contidas na exposição reivindicativa dos ferroviários.

Pela sua própria experiência, os ferroviários colheram o ensinamento que os inimigos dos trabalhadores só ouvem a voz da luta, nada cedem de vontade própria e não abandonarão os seus privilégios se a isso não forem obrigados pela luta organizada do proletariado. Voltar agora a uma posição de espera, significaria para os ferroviários recuar na luta e curvar-se perante a vontade dos seus exploradores.

Para obterem a satisfação de todas as reivindicações apresentadas, os ferroviários poderão ter que voltar às exposições, aos abaixo-assinados, às cartas e telegramas, mas o que não se deve esquecer é que estas formas de luta são apenas uma parte de um caminho a percorrer para se chegar às reuniões, concentrações nas gerências e nos sindicatos, paralisações de curta duração e à greve.

Nenhuma luta, por pequena que seja, para ser bem conduzida, pode dispensar a organização. Esta exigência coloca-se com muito mais razão para uma luta da grandeza da dos ferroviários. Para levarem avante a sua luta pela satisfação das numerosas reivindicações não atendidas, os ferroviários têm necessidade de constituir comissões, grupos, comités e outras formas de organização, por toda a linha, nas grandes estações, nas oficinas e nos serviços centrais. Sem organização e persistência na luta a vitória não é possível.



«Procurar-se-á manter e, se possível, acelerar o ritmo da política social para que assegure mais equitativa distribuição de rendimentos»

(Marcelo Caetano, discurso de 27 de Novembro de 1968)

Matheus Barros (de Lisboa) a forma de luta usada pelos 800 operários para apoiar as suas reivindicações foi a «ceira».

Greve na Cimento Tejo

Os 400 operários desta empresa de Alhandra fizeram greve no dia 12 de Fevereiro, iniciada numa secção e seguida por todas as outras. As várias comissões das secções apresentaram ao director as exigências de aumento de salários.

(continua na 6.ª pág.)

pela censura à acção combativa dos ferroviários, o LUTO FERROVIÁRIO tornou conhecida em todo o País a luta que travavam.

Deixando cair mais uma vez a máscara «liberalizante», M. Caetano lançou as forças repressivas, especialmente o bando de assassinos da PIDE, contra os ferroviários, numa tentativa desesperada de quebrar a luta e obrigar os trabalhadores a recuar nas suas justas exigências. Em muitos lados, a tentativa fracassou por completo: as forças repressivas nada puderam fazer e, nas oficinas da C.P. no Barreiro, os operários chegaram mesmo a expulsar dali uma brigada da PIDE, gritando

Os 30.000 Ferroviários não devem esperar

Só quando os ferroviários resolveram usar a linguagem da luta unida em todos os serviços, linhas e oficinas, conseguiram fazer ouvir a sua voz. Só então a C. P. e o governo se viram forçados a vir a público justificar-se e fazer promessas de um aumento - irrisório - julgando que assim mais uma vez impediriam os 30 mil ferroviários de ir para diante na sua justa luta por melhores condições de vida. Porém, a magnífica e pronta reacção dos ferroviários, referida no último número do «Avante!», obrigou o governo e a CP a aumentarem substancialmente a verba global que se tinham mostrado dispostos a dispendir.

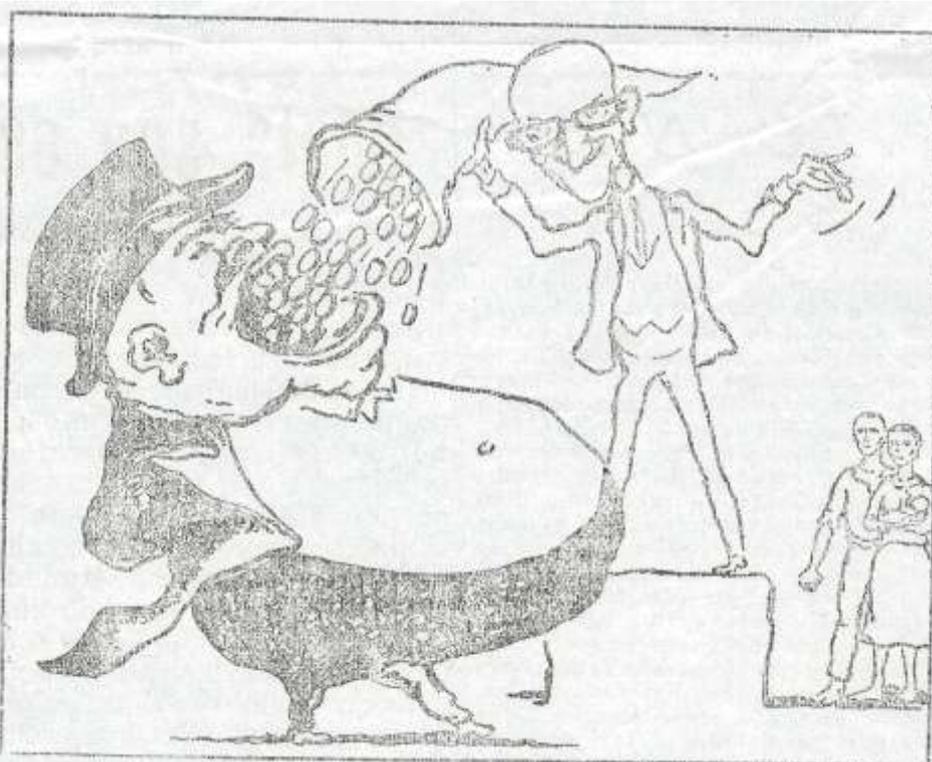
Rompendo o silêncio imposto pela censura à acção combativa dos ferroviários, o LUTO FERROVIÁRIO tornou conhecida em todo o País a luta que travavam. Deixando cair mais uma vez a máscara «liberalizante», M. Caetano lançou as forças repressivas, e especialmente o bando de assassinos da PIDE, contra os ferroviários, numa tentativa desesperada de quebrar a luta e obrigar os trabalhadores a recuar nas suas justas exigências. Em muitos lados, a tentativa fracassou por completo: as forças repressivas nada puderam fazer e, nas oficinas da C.P., no Barreiro, os operários chegaram mesmo a expulsar dali uma brigada da PIDE, gritando que esta polícia não tinha nada que se intrometer na vida dos ferroviários. Devido às muitas centenas de protestos, individuais e colectivos, o governo foi forçado a ordenar a libertação do ferroviário Firmino Martins preso no decorrer da luta. Noutros lados, porém, a acção criminosas das forças repressivas abalou temporariamente a determinação combativa dos ferroviários, experiência que deve ser tida em conta na fase seguinte da luta.

O aumento médio de 12,2% deixou ainda os salários dos ferroviários num nível extremamente baixo em relação a outros sectores operários. Não tendo atingido a necessária amplitude nem as formas de tipo superior e não tendo tido a conduzi-la uma forte rede de organismos, a luta aos ferroviários não reuniu ainda as condições indispensáveis para obrigar o governo e a C.P. a satisfazerem as reivindicações contidas na exposição reivindicativa dos ferroviários.

Pela sua própria experiência, os ferroviários colheram o ensinamento que os inimigos dos trabalhadores só ouvem a voz da luta, nada cedem de vontade própria e não abandonarão os seus privilégios se a isso não forem obrigados pela luta organizada do proletariado. Voltar agora a uma posição de espera, significaria para os ferroviários recuar na luta e curvar-se perante a vontade dos seus exploradores. Para obterem a satisfação de todas as reivindicações apresentadas, os ferroviários poderão ter que voltar às exposições, aos abaixo-assinados, às cartas e telegramas, mas o que não se deve esquecer é que estas formas de luta são apenas uma parte de um caminho a percorrer para se chegar às reuniões, concentrações nas gerências e nos sindicatos, paralisações de curta duração e à greve.

Nenhuma luta, por pequena que seja, para ser bem conduzida, pode dispensar a organização. Esta exigência coloca-se com muito mais razão para uma luta da grandeza da dos ferroviários. Para levarem avante a sua luta pela satisfação das numerosas reivindicações não atendidas, os ferroviários têm necessidade de constituir comissões, grupos, comités e outras formas de organização, por toda a linha, nas grandes estações, nas oficinas e nos serviços centrais. Sem organização e persistência na luta a vitória não é possível.

OS 30.000 FERROVIÁRIOS não devem esperar



« Procurar-se-á manter e, se possível, acelerar o ritmo da política social para que assegure mais equitativa distribuição de rendimentos »

(Marcelo Caetano, discurso de 27 de Novembro de 1968)



ALASTRA A VAGA DE LUTAS OPERÁRIAS

(continuação da 1.ª pág.)
7.200\$00 e as percentagens por quintal pescado.

Os pescadores da sardinha de Costa Norte reclamavam a caldeirada de peixe que lhes foi roubada no ano passado. Em Portimão, os descarregadores de peixe exigiram e obtiveram um aumento de 25% por caixa.

GREVE NA NOVALTO (Setúbal) 800 operários foram para a greve de braços caídos no começo de Março exigindo aumento de salários e outras reivindicações. Alguns operários foram despedidos, mas todos se mantiveram firmes, conseguindo o aumento e a readmissão dos colegas despedidos.

GREVE NA FÁBRICA DE PAPEL (Setúbal) — (antiga Fábrica das Baleias) — Mais de 100 operários foram para a greve em meados de Março. Tentando paralisar a luta, foram presos 2 operários. Mas a greve continuou por 3 dias, e os operários conseguiram o aumento exigido e a libertação dos companheiros presos.

REACENDE-SE A LUTA NA CARRIS DE LISBOA — Em fins de Fevereiro os trabalhadores da Carris começaram a dirigir-se em grupos ao Sindicato para exigir uma resposta acerca das reivindicações deixadas em suspensão quando das lutas de Julho de 1968. Como se sabe, obtiveram então um aumento de 20\$00 diários e 50% de subsídio de férias, assim como a promessa para breve dos restantes 10\$00 diários e dos restantes 50% de subsídio de férias reclamados. A estas reivindicações ainda não satisfeitas, juntam-se agora outras: — horário de 7 horas a terminar na sede e o pagamento do 13.º mês.

Em 17 de Março os trabalhadores passaram à acção. Realizaram uma concentração-reunião com a presença de várias centenas. A

uma proibição de qualquer reunião, afixada no dia 18, responderam no dia 19 com uma nova concentração-reunião de cerca de 1.000 trabalhadores, no fim da qual exigiram a presença dum administrador que lhes prometeu uma resposta para o dia 26. Neste dia voltou a realizar-se uma grande concentração. A policia de choque e a Pide apareceram para intimidar.

OS FERROVIÁRIOS CONTINUAM A LUTA — Num comunicado intitulado: «I Encontro Nacional dos Ferroviários — Conclusões» — depois de salientarem que as conquistas que obtiveram pela sua luta não satisfizeram a classe, insistem que o aumento de salários continua a ser a primeira e mais importante reivindicação dos ferroviários, mas indicam outras que desejam ver satisfeitas, entre elas o horário das 8 horas, pagamento das horas extraordinárias, etc. Afirmam que a repressão não poderá fazê-los recuar e apelam para uma maior unidade e organização e reforçamento da Comissão Nacional dos Ferroviários.

GREVES, CONCENTRAÇÕES, PARALISAÇÕES — Na BIC de Sacavém, 100 operárias conquistaram 10\$00 de aumento diário ao fim de um dia de greve. Greve de 2 dias na MAFALDA (confeccões) e «cera» na SOGANTAL, ambas no Montijo, por aumento de salários.

Concentrações na MAGUE (Baixo Ribatejo) e na CIMENTOS TEJO (Alhandra). Paralisação na CIMIANTO.

Na NITRATOS DE PORTUGAL e na SONADEL os trabalhadores conseguiram com a sua luta a passagem ao pagamento mensal.

VITÓRIAS na TUDOR e na METAL de Castanheira do Ribatejo, com a obtenção de aumentos de salários. Na SIDERURGIA NA-

CIONAL, antes que a luta avançasse, foram dados aumentos diários de 10 a 12\$00.

Na TAP, em fins de Março, continuava a «cera-zelo» do que tem resultado atrasos e mesmo supressão de algumas carreiras de aviões.

Continuam em luta os trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa. Os da limpeza, «almeidas» depois de algum tempo de «cera» obtiveram um aumento de 10\$00, assim como os motoristas.

MINEIROS DE S. PEDRO DA COVA — Os mineiros dum poço recusaram-se a descer por falta de segurança na mina. As intimidações patronais responderam «Somos todos!» declarando que não desceriam enquanto o engenheiro não fosse observar e não se responsabilizasse.

LUTA DOS TIPOGRAFOS

Em 7 de Março os tipógrafos do «Diário Popular» paralisaram durante algumas horas reclamando aumento de salários. A luta foi vitoriosa. Após esta luta os tipógrafos do «Diário de Lisboa» preparavam-se para paralisar também. A administração apressou-se, porém, a rever os salários.

Greve dos assalariados agrícolas de Alpiarça

No início do inverno fizeram 3 dias de greve reivindicando aumento de 2\$50 por hora. Venceram, passando a ganhar 12\$50 à hora.

Em Janeiro, os operários rurais de Alorna, Almeirim, preparavam-se para lutar, o que obrigou o patronato a dar-lhes mais 2\$50 por hora, isto é, 10\$00.

É PRECISO AVANÇAR

(continuação da 1.ª pág.)
Pela clareza de propósitos

Noutra passagem daquele documento é dito que «uma tal situação não se compadece com uma posição de abstenção, tomada desde já, isto é, antes de se terem esgotado todos os meios de luta ao nosso alcance...» Os termos são dúbios. Não fica claro se aquele desde já significa se pensam ou não aproveitar o período «eleitoral» até ao fim para lutar, no próprio terreno do adversário, pelas reivindicações democráticas. E a expressão «antes de se terem esgotado todos os meios de luta ao nosso alcance» não só não define com clareza quando se consideram esgotados todos os meios de luta ao nosso alcance, como não caracteriza esses meios de luta.

Temos de reconhecer que, neste aspecto, a posição da A.D.S. não se presta a equívocos, declarando-se abertamente abstencionista. Posição que, aliás, na opinião do Partido Comunista Português, nas

condições presentes, não serve a luta dos democratas e das massas populares contra o regime.

Não há alternativa de saída pacífica

Tudo o comportamento dos governos de Salazar durante mais de 40 anos, tal como o do governo de 8 meses de M. Ceilano demonstraram de sobejo, para quem queira ver e não teme as massas nem a sua luta, que a saída pacífica da actual situação não é a perspectiva a considerar e, muito menos, a única saída via eleitoral.

Poderia parecer que os signatários do documento «Ao País», uma vez contumado a tarefa eleitoral que prevêm, concilizem finalmente que a perspectiva para o derrubamento do governo fascista é o levantamento nacional, a insurreição popular armada. Mas não é assim. O seu pensamento está inteiramente preocupado em convencer o governo e seus apeniguados a evitar o que já chamaram de «crítica alternativa».

Unidade de acção para a conquista de novas posições!

Tal como a A.D.S. e os «socialistas» «intelectuais», declaramos que o governo de M. Ceilano prepara uma fase eleitoral. No entanto, a Initiative fascista

Quantias recebidas dos amigos do Partido

A minha ajuda	700\$03	Cesal de jun-	1.831\$60	Helena Negro	600\$	Niemeyer	40\$00
Abel	100\$00	Catarina	350\$00	Ho Chi Minh	20\$00	Isem	40\$00
Alvaro		e Luísa (A)	20\$00	idem	20\$00	No bom	
Connal	2.000\$00	Chaulers		Imprensa		cominho	400\$00
idem	2.000\$00	vermelhos	80\$00	Livre (F)	224\$00	Oferta	10\$00
AMP	60\$00	Cholokov	10\$00	Iniciativa do		Carvalho	10\$00
AMP (Netal)	600\$00	idem	10\$00	Natal	4.320\$00	idem	5\$00
Amigo do		Comerciante		Iniciativa	280\$00	Os dois so-	
Partido	10\$00	comunista	300\$00	Intelectual		cialistas	20\$00
e da loja	100\$00	Centro a ope-	200\$00	vermelho	100\$00	idem	20\$00
e de quinta	50\$00	tunismo	200\$00	João (F)	50\$00	Penova	40\$00
Amigos sem		Débito do		J. Adelino	70\$00	idem	20\$00
concepção	427\$00	Natal	30\$00	dos Santos	200\$00	Pela vitória do	
e do Partido	35\$00	Deuses da		João Bernardino	200\$00	nosso Partido	280\$
Amnistia	100\$00	Revolução		Leitura (M)	10\$00	e Democracia	50\$00
idem	10\$00	cubana	20\$00	idem (P)	5\$00	e firmeza de J.	
Anti-fascista	50\$00	Democrata	500\$00	Liberdade para		Pires Jorge	240\$
Anti-fascistas		Democratas do		os presos		e revolução (S)	100\$
de Vene-		Canadá	520\$00	políticos	275\$00	unidade	100\$00
zuola	2.225\$00	Democracia		para Dias		Pelo socia-	
Arquimedez	50\$00	socialista	200\$00	Lourenço	10\$00	lismo (E)	2.000\$00
Assim foi		idem	200\$00	para Pires		Por uma verda-	
temperado		Dias Coelho	50\$00	Jorge	100\$00	deira da	
e oço	210\$00	idem	20\$00	Luta armada	280\$00	mocracia	400\$00
idem	62\$50	Dimitral	90\$00	e ideológica	801\$00	idem	300\$00
idem	130\$50	Dinis Mi-		Mão orgulhosa	50\$00	Por acções	
e Aventura	150\$00	randa	3.500\$00	idem	3.000\$30	concreto	400\$00
Avante	150\$00	idem	10\$00	M. Rodrigues		Por um movi-	
e clara		idem	10\$00	da Siva II	10\$00	mento de-	
operária	40\$00	Domingos I	15\$00	M. R. de		macrítico de	
e metalúrgica	10\$00	idem II	15\$00	Silva III	170\$00	mulheres	300\$00
e pais liber.		Domingos		idem III	170\$00	Pires Jorge	50\$00
da IX	20\$00	Abrentos	100\$00	Medalhas	200\$00	idem II	20\$00
Avó	2.000\$00	Donativos		Medico pro-		Reforma	
Canais Rocha	20\$00	do Natal	60\$00	gressista	100\$00	Agrário	100\$00
idem	50\$00	Encarregado	50\$00	Alfêio	112\$00	Rogério de	
idem	140\$00	Enfermeira	300\$00	idem	110\$00	Cervinho (I)	1.000\$00
Campanha em		Gagerina	20\$00	Mineiro amigo	200\$00	idem (II)	1.000\$00
mercado	60\$00	Genal	5\$00	Nacionalista	1.000\$00	Sessão da	
e do Natal	70\$00	Gulherme de		Natal (BZ)	300\$00	miseria	110\$00
idem	800\$00	Carvalho (F)	20\$00	Natal	600\$00	Serradura	100\$00
idem	17\$500	idem	56\$00	idem	1.000\$00	Sofia Fer-	

Alastra a vaga de lutas operárias

OS FERROVIÁRIOS CONTINUAM A LUTA - Num comunicado intitulado: «I Encontro Nacional dos Ferroviários - Conclusões» - depois de salientarem que as conquistas que obtiveram pela sua luta não satisfizeram a classe, insistem que o aumento de salários continua a ser a primeira e mais importante reivindicação dos ferroviários, mas indicam outras que desejam ver satisfeitas, entre elas o horário das 8 horas, pagamento das horas extraordinárias, etc. Afirmam que a repressão não poderá fazê-los recuar e apelam para uma maior unidade e organização e reforçamento da Comissão Nacional dos Ferroviários.

...em 7 de Março os tipógrafos do «Diário Popular» paralisaram durante algumas horas reclamando aumento de salários. A luta foi vitoriosa. Após esta luta os tipógrafos do «Diário de Lisboa» preparavam-se para paralisar também. A administração apressou-se, porém, a rever os salários.

...em Janeiro, os operários rurais de Alorna, Almeirim, preparavam-se para lutar, o que obrigou o patronato a dar-lhes mais 2\$50 por hora, isto é, 10\$00.

...condições presentes, não serve a luta dos democratas e das massas populares contra o regime.

...Não há alternativa de saída pacífica

...Tudo o comportamento dos governos de Salazar durante mais de 40 anos, tal como o do governo de 8 meses de M. Ceilano demonstraram de sobejo, para quem queira ver e não teme as massas nem a sua luta, que a saída pacífica da actual situação não é a perspectiva a considerar e, muito menos, a única saída via eleitoral.

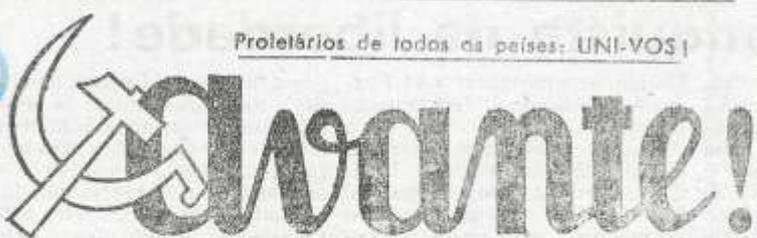
...Poderia parecer que os signatários do documento «Ao País», uma vez contumado a tarefa eleitoral que prevêm, concilizem finalmente que a perspectiva para o derrubamento do governo fascista é o levantamento nacional, a insurreição popular armada. Mas não é assim. O seu pensamento está inteiramente preocupado em convencer o governo e seus apeniguados a evitar o que já chamaram de «crítica alternativa».

...Unidade de acção para a conquista de novas posições!

...Tal como a A.D.S. e os «socialistas» «intelectuais», declaramos que o governo de M. Ceilano prepara uma fase eleitoral. No entanto, a Initiative fascista

...sentido democrático.

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

5 de Outubro VERDADEIRA JORNADA NACIONAL

pela Liberdade, a Paz, o Pão e a Amnistia!

Em comícios, romagens, repastos, concentrações e manifestações de rua, de norte a sul do País, dezenas de milhares de democratas de todas as classes e tendências, comemorando a data histórica da implantação da República, realizaram uma grande jornada nacional pelos seus direitos fundamentais. As reivindicações de Amnistia!, Paz!, Liberdade!, ecoaram por toda a parte.

A cinica manobra da última hora do governo, dando carácter oficial às comemorações, visava tirar a estas o seu conteúdo democrático. Os seus cálculos falharam. No largo do Município, em Lisboa, M. Caetano e França Borges ficaram sós, rodados apenas por forças militares. Só se encontraram também, no Alto de S. João, os tartufos da comitiva oficial que ali foram colocar flores no túmulo de Machado dos Santos. No resto do País, não apareceram sequer.

Em Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Viana do Castelo, Bragança, Portalegre, Santarém, Beja, Faro, Figueira da Foz, Fátima, Guimarães, Fafe, Póvoa do Varzim, Ancilã, Santar, Alentejo, Portimão, Tavira, e em muitos outros locais, os democratas e as massas populares proclamaram com entusiasmo e vigor a sua determinação de lutar e vencer. «Unidos venceremos!», «Prosseguir na luta até ao triunfo!» foram palavras de ordem lançadas nos actos comemorativos.

As comemorações do 5 de Outubro, principalmente em Lisboa e Porto, assumiram este ano nitidamente um carácter de luta (continua na 4.ª pág.)

ROMPENDO A LEGALIDADE FASCISTA MOBILIZANDO AS MASSAS POPULARES Adiante, para a conquista da liberdade!

A impetuosidade e amplitude que o movimento democrático vem tomando à escala nacional, reflectidas na apresentação de candidatos às «eleições» em 17 dos 18 distritos do Continente e ainda nos distritos do Funchal e Ponta Delgada, na organização de uma larga rede de Comissões Democráticas (profissionais, de trabalhadores, de jovens, de mulheres, de estudantes e de intelectuais) eleitas ou escolhidas democraticamente nas numerosas e amplas reuniões e assembleias realizadas por todo o País, no clamor reivindicativo e de protesto que irrompe das fábricas e dos campos, nos Sindicatos e nas Ordens, das Universidades, dos pequenos e médios industriais e comerciantes, nas sessões de propaganda onde massas cada vez mais numerosas acorrem a reclamar a instauração das liberdades democráticas, — confundiram o governo marcelista e levaram o temor às suas hostes.

O atentismo favorece apenas o regime

Parecendo ignorar as importantes acções dos democratas já travadas no campo das «eleições» contra o regime, a A.D.S. veio de novo defender publicamente a abstenção total. Mais do que isso. Veio condenar os antifascistas que, aproveitando o período «eleitoral», levantam as reivindicações democráticas e conduzem largas massas à luta por elas.

Recusar travar uma batalha política no terreno «eleitoral» enfrentando corajosamente as dificuldades e as consequências

Revolta camponesa em Cabo Verde

Uma revolta camponesa teve lugar na ilha de Santo Antão, em Cabo Verde.

As justas reivindicações dos camponeses contra a exploração e a opressão colonial, os altos comandos fascistas responderam com a violência da metralha.

A rebelião foi esmagada. Grande número de cabo-verdianos foram encarcerados e submetidos à ferocidade das torturas policiais.

Encabeçados por M. Caetano, os fascistas-colonialistas aplaudem, em nome e defesa da «civilização ocidental».

que a luta comporta, a pretensão de que os opositoristas não podem manifestar-se livremente é servir-se de uma capa para esconder uma posição atentista. Na verdade, nenhuma forma de luta contra o regime é aconselhada pela A.D.S.

Finalmente, ir ou não até à boca das urnas é já outro problema a decidir pelos democratas, a nível distrital e nacional.

As ilusões legalistas desarmam as massas e os democratas

Se o atentismo convida a cruzar os braços, as ilusões legalistas confundem e desarmam.

Num documento intitulado «O Governo e as Eleições», a C.E.D. de Lisboa expressa ideias legalistas nada conformes com a realidade. Assim é dito que «A As-

sembleia Nacional é o único órgão de soberania (soberania de quê e de quem?) que pode resultar da expressão do sufrágio directo do povo».

Depois de referir que a Assembleia Nacional a «eleger» (as comas são nossas) terá funções constituintes é dito que «as próprias instituições poderão ser postas em causa...» e «que os meios de intervenção de que a Nação dispõe na vida política poderão ser reestruturados e tudo isto dentro do respeito da própria Constituição... na perspectiva de que dentro da própria lógica da legalidade estabelecida todo o regime poderá ser afastado sem a mais pequena convulsão na vida quotidiana dos portugueses».

Admitir isto seria acreditar que o fascismo possa negar-se a si próprio. Ora, os factos têm (continua na 2.ª pág.)

Os ferroviários retomam a ofensiva Mais de 1.000 manifestam-se no centro da capital

Mais de 1.000 ferroviários, vindos de diversos pontos do País, concentraram-se no dia 2 de Agosto à tarde no centro de Lisboa, para apoiarem com a sua presença uma Comissão que procurava entrevistar-se com os dirigentes da União dos Sindicatos dos Ferroviários, por lhes ter vindo a ser recusada a realização de assembleias gerais nos sindicatos para que possa ser amplamente discutido pela classe o Acordo de Trabalho em revisão.

O governo e a C.P., de concerto com as direcções sindicais, prepararam-se para assinar nas costas dos ferroviários um novo contrato-burla e contam com as forças repressivas para apoiá-las nos seus intentos. Destacamentos da PSP e agentes da PIDE ocuparam a sede do Sindicato e cercaram a Praça dos Restauradores horas antes da concentração.

Quando foi cortado o acesso ao Sindicato, e apesar de todo o aparato repressivo, 500 ferroviários já tinham conseguido ali chegar e tentado entrar. Porém, foram repellidos: a sede fora ocupada pela policia armada. Reforçando o cerco, a PSP não deixou mais ninguém aproximar-se. Centenas de ferroviários foram assim impedidos de avançar para o Sindicato.

A PSP prendeu 2 ferroviários. Porém, graças a um súbito movimento de solidariedade gerado à sua volta, foram libertados ainda no mesmo dia.

Enfrentando a repressão policial, mais de 500 ferroviários manifestaram-se em plena Avenida da Liberdade, desfilando cartazes onde se lia: «Os ferroviários mantêm a reivindicação de 1.000 escudos!», «Queremos horários de trabalho humanos!», «Queremos Sindicatos que defendam os interesses dos ferroviários!», «Queremos que o projecto de A.C.T. seja discutido amplamente pela classe!».

Esta corajosa manifestação durou cerca de hora e meia, apesar das violências da PIDE e da PSP.

Depois da manifestação no centro de Lisboa, os ferroviários mantêm-se na ofensiva continuando a pressionar as direcções dos Sindicatos e desenvolvendo a sua acção na empresa. Ainda no mês de Agosto, quando o presidente da Administração da CP se deslocou ao Barreiro, viu-se rodeado por um grupo de operários que procuravam saber o que havia de novo sobre o Contrato de trabalho. Ante a sua cinica resposta de que os ferroviários não deviam esperar muito do novo Acordo, entremeados de falsas promessas, os ferroviários não têm outro caminho: prosseguir

e intensificar a sua luta até à vitória.

Ferriários! A C.P. e o governo preparam-se para fazer ssir mais dia menos dia o novo Acordo Colectivo de Trabalho, ao mesmo tempo que procura refrear a vossa luta acenando com promessas enganosas que não tencionam cumprir.

Ferriários! Promovei largas reuniões e debates nas oficinas, na linha, nas estações, nos escritórios! Promovei novos encontros locais, regionais e à escala de toda a linha para assentar nas novas formas de acção a levar a cabo! Defendei com energia e audácia os vossos justos interesses reclamando:

— Que as reivindicações já apresentadas sejam incluídas no novo Acordo Colectivo de Trabalho!

— Que os ferroviários possam discutir nos sindicatos o projecto do Acordo Colectivo de Trabalho antes de aprovado!

— Que as portas dos sindicatos se abram aos ferroviários para que ali sejam discutidos todos os seus problemas!

Adiante, ferriários! Unidos e organizados, contra a exploração e a miséria, pelas vossas reivindicações económicas e sociais, pela conquista dos vossos direitos sindicais!

Os ferroviários retomam a ofensiva Mais de 1000 manifestam-se no centro da capital

Mais de 1.000 ferroviários, vindos de diversos pontos do País, concentraram-se no dia 2 de Agosto à tarde no centro de Lisboa, para apoiarem com a sua presença uma Comissão que procurava entrevistar-se com os dirigentes da União dos Sindicatos dos Ferroviários, por lhes ter vindo a ser recusada a realização de assembleias gerais nos sindicatos para que possa ser amplamente discutido pela classe o Acordo de Trabalho em revisão.

O governo e a C.P., de concerto com as direcções sindicais, preparam-se para assinar nas costas dos ferroviários um novo contrato-burla e contam com as forças repressivas para apoiá-las nos seus intentos. Destacamentos da PSP e agentes da PIDE ocuparam a sede do Sindicato e cercaram a Praça dos Restauradores horas antes da concentração.

Quando foi cortado o acesso ao Sindicato, e apesar de todo o aparato repressivo, 500 ferroviários já tinham conseguido ali chegar e tentado entrar. Porém, foram repelidos: a sede fora ocupada pela polícia armada. Reforçando o cerco, a PSP não deixou mais ninguém aproximar-se. Centenas de ferroviários foram, assim impedidos de avançar para o Sindicato.

A PSP prendeu 2 ferroviários. Porém, graças a um súbito movimento de solidariedade gerado à sua volta, foram libertados ainda no mesmo dia.

Enfrentando a repressão policial, mais de 500 ferroviários manifestaram-se em plena Avenida da Liberdade, desfraldando cartazes onde se lia: «Os ferroviários mantêm a reivindicação de 1.000 escudos!», «Queremos horários de trabalho humanos!», «Queremos Sindicatos que defendam os interesses dos ferroviários!», «Queremos que o projecto de A.C.T. seja discutido amplamente pela classe!».

Esta corajosa manifestação durou cerca de hora e meia, apesar das violências da PIDE e da PSP.

Depois da manifestação no centro de Lisboa, os ferroviários mantêm-se na ofensiva continuando a pressionar as direcções dos Sindicatos e desenvolvendo a sua acção na empresa. Ainda no mês de Agosto, quando o presidente da Administração da CP se deslocou ao

Barreiro, viu-se rodeado por um grupo de operários que procuravam saber o que havia de novo sobre o Contrato de trabalho. Ante a sua cínica resposta de que os ferroviários não deviam esperar muito do novo Acordo, entremeada de falsas promessas, os ferroviários não têm outro caminho: prosseguir e intensificar a sua luta até à vitória.

Ferrovários! A CP e o governo preparam-se para fazer sair mais dia menos dia o novo Acordo Colectivo de Trabalho, ao mesmo tempo que procura refrear a vossa luta acenando com promessas enganosas que não tencionam cumprir.

Ferrovários! Promovei largas reuniões e debates nas oficinas, na linha, nas estações, nos escritórios! Promovei novos

encontros locais, regionais e à escala de toda a linha para assentar nas novas formas de acção a levar a cabo! Defendei com energia e audácia os vossos justos interesses reclamando:

- Que as reivindicações já apresentadas sejam incluídas no novo Acordo Colectivo de Trabalho!

- Que os ferroviários possam discutir nos sindicatos o projecto do Acordo Colectivo de Trabalho antes de aprovado!

- Que as portas dos sindicatos se abram aos ferroviários para que ali sejam discutidos todos os seus problemas!

Adiante, ferroviários! Unidos e organizados, contra a exploração e a miséria, pelas vossas reivindicações económicas e sociais, pela conquista dos vossos direitos sindicais!

*Os ferroviários retomam a ofensiva
Mais de 1.000 manifestam-se no centro da capital*





Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

«Ganhar as massas para a ideia de que a luta será dura e difícil, de que os fascistas utilizarão todos os meios para se manterem no poder, de que a agudização da luta de classes conduzirá a um choque frontal pela força; forjar um exército político ligado às massas, e voltado para a mobilização das massas com essa perspectiva; tomar nas várias direcções de actividade política e de organização uma orientação e medidas práticas correspondentes a essa perspectiva, — são tarefas intimamente relacionadas com a acção na fase actual».

(Comité Central do P.C.P. — Agosto de 1969)

DESMASCARADA A BURLA ELEITORAL DEFENDER AS POSIÇÕES CONQUISTADAS AO FASCISMO! CONTINUAR E AMPLIAR A BATALHA PELA LIBERDADE!

Do resultado da campanha «eleitoral», da ida da Oposição até à boca das urnas e do apuramento «oficial» das «eleições», podem tirar-se já algumas conclusões.

A burla eleitoral foi posta a nú. O governo sai mais isolado. Nos locais onde houve uma efectiva fiscalização das «eleições» por parte da Oposição democrática, verificou-se que, para além dum recenseamento falsificado, donde foram cortados ou nunca foram inscritos muitas centenas de milhar de democratas e onde foi inscrito, officiosamente, tudo quanto com vontade ou sem ela pode ser «levado» a «votar» com o regime (funcionalismo público e dos organismos corporativos, forças armadas, policia, GNR, freiras, etc., além de todos os apaniguados e beneficiários do regime), mesmo nestas condições, a maioria do «eleitorado» não se apresentou às urnas por não ter confiança nas «elei-

ções» fascistas.

Apesar da descarada intervenção do próprio Marcelo Caetano na véspera das «eleições», tentando influenciar o eleitorado a seu favor, afirmando que «plor que tudo seria a «abstenção» e agitando o espantinho do anti-comunismo e da guerra civil, a elevada percentagem de abstenções verificada, torna-se ainda mais significativa, comprova o isolamento do regime e do seu chefe.

Nos distritos de Lisboa e Setúbal, por exemplo, só votaram 48% e 47%, dos eleitores inscritos e os candidatos da «União Nacional» foram «eleitos» apenas por 56% e 50%, respectivamente, desses eleitores. Como Lisboa e Setúbal foram os distritos onde se verificou uma mais efectiva fiscalização e onde é mais elevada a politização das massas, pode calcular-se o que terá sido, na realidade, a abstenção no resto do país e como

os resultados aí apresentados oficialmente são o produto das habituais «chapeladas» e falsificações de toda a ordem.

O aspecto mais flagrante e descarado desta burla eleitoral, consiste precisamente em continuar a apresentar elevadas percentagens de votantes em regiões e distritos onde o desinteresse do povo pelo acto «eleitoral» é necessariamente maior, devido a um menor grau de politização e à ausência de candidatos da oposição.

Devido a tudo isto a burla eleitoral ficou completamente a nú e o governo de Marcelo Caetano sai das «eleições» completamente desmascarado e mais isolado.

A «Assembleia Nacional» fascista surge aos olhos do povo menos representativa do que nunca.

«Eleita» por uma minoria dos cidadãos inscritos no recenseamento actual que já por si não corresponde, nem de longe, à massa do corpo eleitoral do país,

a Assembleia Nacional fascista é mais do que nunca representante apenas do partido único — a «União Nacional» — e da sua clientela. O seu isolamento e falta de autoridade tornar-se-á, por isso mais acentuado que nunca. Também, deste modo, o governo de Marcelo Caetano agravou o seu isolamento político e o descrédito perante o país e o estrangeiro. A sua demagogia «liberalizante» saiu completamente desmascarada.

Quebrou-se o imobilismo político fascista e o monopólio político da «União Nacional».

No decorrer do último ano a Oposição Democrática surgiu como uma grande força política nacional, criou o seu próprio movimento estruturado e assente nas amplas massas, tomou a iniciativa política nas várias frentes, desde as lutas reivindicativas às acções políticas, quebrou o tradicional imobilismo político fascista. Com a sua intervenção na campanha «eleitoral» levando a batalha pela liberdade até à boca das urnas, a Oposição Democrática soube aproveitar inteligentemente a nova situação política criada no país, prestigiando, pela sua acção junto do povo, milhares de dirigentes populares, criando, assim, as condições fundamentais para se firmar definitivamente como força política nacional capaz de continuar e desenvolver a batalha pela liberdade e a democracia.

Representando 154.000 eleitores 12%, dum recenseamento falsificado como é o actual, mas representando na prática muitos milhões de portugueses que não estão com o fascismo, não estando por isso inscritos como eleitores, destacando-se neste número a imensa maioria das massas trabalhadoras e da juventude, a Oposição Democrática representa hoje uma força política que não pode mais ser ignorada na actividade prática e na consideração e solução de vários problemas nacionais.

O Movimento democrático conquistou definitivamente o direito a fazer-se reconhecer como uma força política legal permanente. A concorrência às urnas e o resultado «eleitoral», mesmo falsificado, conferem à Oposição democrática uma força moral e política suplementar para continuar e intensificar a luta legal de massas pelos grandes objectivos

Greve dos valentes ferroviários

ARRANCADA PARA UMA VASTA OFENSIVA DA CLASSE OPERÁRIA

O potencial combativo da classe operária no actual momento ficou bem patente na greve dos valentes ferroviários, das 15 às 16 horas, no dia 20 de Outubro.

Nas oficinas, nas estações, nos escritórios, nas linhas, milhares e milhares de ferroviários de todo o País recorreram à greve por não verem satisfeitas as suas justas reivindicações e continuarem a ser impedidos de intervir na discussão do Contrato Colectivo de Trabalho cujas negociações se arrastam nas suas costas há longos meses.

Os operários das oficinas do Entroncamento (2.500), do Barreiro (2.000) e muitos milhares das oficinas da Figueira da Foz, Santa Apolónia, Campolide e Cruz da Pedra aderiram totalmente à greve.

Do mesmo modo, em toda a linha de Sintra, em muitas estações do norte (V. Franca, Rodão, Castelo Branco, Braga e outras) e do sul (Barreiro e Palmela, entre outras) a greve foi total.

Na estação de Santa Apolónia, completamente paralisada pela greve, o chefe da estação não soube impôr a vontade dos fer-

roviários às exigências da Pide: deu a partida a 2 comboios de longo curso que foram logo ocupados por numerosos agentes da Pide...

Em muitas estações, a greve foi parcial: Entroncamento, Alhos Vedros, Casa Branca, Beja e muitas outras.

Greve total na estação do Rossio, em todas as secções. Os relógios tinham marcado a hora do início da luta. O comboio que devia partir para Sintra ainda arrancou, embora anteriormente alguém tivesse retirado da máquina alguns fusíveis. Mas imobilizou-se percorridos poucos metros: o sinal de alarme pressionado por alguém deteve a sua marcha. Grande alarido do pessoal e do público que já enchia a gare. Pelo altifalante, o chefe da estação indica aos passageiros o número de outra linha. Porém, o comboio que ali estava também já tinha sido posto em estado de não poder marchar. Não há partidas!

As mulheres dos vários serviços (bilheteiras, empregadas, etc) que se haviam concentrado no cais, foram chamar os empregados

do escritório e restante pessoal que faziam greve nas respectivas secções. Cerca de 1.000 ferroviários de todas as categorias convergiram para o cais e aí permaneceram, numa bela demonstração de unidade combativa. Associando-se aos ferroviários, os passageiros que, entretanto, afluíam para a estação, aplaudiram a greve.

Os relógios marcaram as 16 horas. Uma extraordinária ovação de regozijo partindo de uma multidão de mais de 2.000 pessoas apinhadas no cais, marcou o fim da luta. Palmas, gritos de entusiasmo e muitos olhos marejados de lágrimas, pelo êxito da greve.

A greve fora precedida dum reunião nacional em que estiveram mais de 100 ferroviários de vários pontos do País. Depois da concentração de mais de 1.000 ferroviários no Rossio, no dia 2 de Agosto, a preparação e realização da greve no dia 20 de Outubro foi uma vitória dos ferroviários sobre as manobras dilatórias e de intimidação do governo e da C.P. Estes foram for-

(continua na 4.ª pág.)

(continua na 2.ª pág.)

Greve dos valentes ferroviários

Arrancada para uma vasta ofensiva da classe operária!

O potencial combativo da classe operária no actual momento ficou bem patente na greve dos valentes ferroviários, das 15 às 16 horas, no dia 20 de Outubro.

Nas oficinas, nas estações, nos escritórios, nas linhas, milhares e milhares de ferroviários de todo o País recorreram à greve por não verem satisfeitas as suas justas reivindicações e continuarem a ser impedidos de intervir na discussão do Contrato Colectivo de Trabalho cujas negociações se arrastam nas suas costas há longos meses.

Os operários das oficinas do Entroncamento (2.500), do Barreiro (2.000) e muitos milhares das oficinas da Figueira da Foz, Santa Apolónia, Campolide e Cruz da Pedra aderiram totalmente à greve.

Do mesmo modo, em toda a linha de Sintra, em muitas estações do norte (V.Franca, Ródão, Castelo Branco, Braga e outras) e do sul (Barreiro e Palmela, entre outras) a greve foi total.

Na estação de Santa Apolónia, completamente paralisada pela greve, o chefe da estação não soube impôr a vontade dos ferroviários às exigências da Pide: deu a partida a 2 comboios de longo curso que foram logo ocupados por numerosos agentes da Pide...

Em muitas estações, a greve foi parcial: Entroncamento, Alhos Vedros, Casa Branca, Beja e muitas outras.

Greve total na estação do Rossio, em todas as secções. Os relógios tinham marcado a hora do início da luta. O comboio que devia partir para Sintra ainda arrancou, embora anteriormente alguém tivesse retirado da máquina alguns fusíveis. Mas imobilizou-se percorridos poucos metros: o sinal de alarme pressionado por alguém deteve a sua marcha. Grande alarido do pessoal e do público que já enchia a gare. Pelo altifalante, o chefe da estação indica aos passageiros o número de outra linha. Porém, o comboio que ali estava também já tinha sido posto em estado de não poder marchar. Não há partidas!

As mulheres dos vários serviços (bilheteiras, empregadas, etc) que se

havam concentrado no cais, foram chamar os empregados do escritório e restante pessoal que faziam greve nas respectivas secções. Cerca de 1.000 ferroviários de todas as categorias convergiram para o cais e aí permaneceram, numa bela demonstração de unidade combativa. Associando-se aos ferroviários, os passageiros que, entretanto, afluíam para a estação, aplaudiram a greve.

Os relógios marcaram as 16 horas. Uma extraordinária ovação de regozijo partindo de uma multidão de mais de 2.000 pessoas apinhadas no cais, marcou o fim da luta. Palmas, gritos de entusiasmo e muitos olhos marejados de lágrimas, pelo êxito da greve.

A greve fora precedida duma reunião nacional em que estiveram mais de 100 ferroviários de vários pontos do País. Depois da concentração de mais de 1.000 ferroviários no Rossio, no dia 2 de Agosto, a preparação e realização da greve no dia 20 de Outubro foi uma vitória dos ferroviários sobre as manobras dilatórias e de intimidação do governo e da C.P. Estes foram forçados a vir declarar, mentindo, que as negociações do C.C.T. decorrem em «termos normais». Procurando enganar a opinião pública, recorrem à calúnia. Falam em «agências internacionais empenhadas em subverter o país» e classificam de «clandestina» a organização legal forjada pelos ferroviários no fogo da sua luta. A verdade é que os ferroviários têm vindo a actuar à luz do dia e até em locais que o próprio governo confessa conhecer.

Enriquecidos pela sua experiência de luta, animados pelo êxito da greve, os ferroviários vão prosseguir o seu combate com novas energias e redobrada confiança nas suas próprias forças, na base da mais ampla mobilização dos trabalhadores, do reforço da sua unidade e organização.

A greve de 1 hora foi um aviso. Os ferroviários prosseguirão a sua luta sem tréguas até verem satisfeitas as suas justas reivindicações.

Milhares de portugueses manifestaram imediatamente o seu apoio à luta dos ferroviários, aprovando dezenas de moções e saudações em numerosas sessões democráticas, durante a campanha «eleitoral».

Saudando os valentes ferroviários pelo alto exemplo de combatividade dado pela sua greve, o «Avante» apela para todos os trabalhadores, para os democratas, para todo o povo, para apoiarem por todas as formas a sua acção.

Ao lado dos ferroviários, na sua luta sagrada pelo direito ao Pão e à Liberdade!

Solidariedade Internacional aos ferroviários em luta

À corajosa luta dos ferroviários portugueses é seguida com grande interesse e simpatia por milhões de trabalhadores noutros países.

Do 7º Congresso Sindical Mundial, os ferroviários receberam o seguinte telegrama, enviado em 24 de Outubro, em nome de 155 milhões de trabalhadores:

«Tendo tornado conhecimento, durante os seus trabalhos, da greve dos ferroviários portugueses na última 2ª feira para protestarem contra a lentidão das negociações para o novo Contrato Colectivo, e tendo em conta a importância desta luta no quadro do regime fascista em Portugal, o 7.º Congresso Sindical, reunido em Budapeste, saúda os ferroviários portugueses e declara-se inteiramente solidário com a sua luta».

A União Sindical Mundial dos Ferroviários, os Sindicatos dos Ferroviários da União Soviética e a Federação CGT dos Ferroviários de França também enviaram imediatamente telegramas de apoio aos ferroviários.

Muitas mensagens de solidariedade têm sido enviadas pelas organizações sindicais de vários países, designadamente da União Soviética, exprimindo o seu apoio fraternal à dura luta dos seus camaradas portugueses.

Greve dos valentes ferroviários
ARRANCADA PARA UMA VASTA OFENSIVA
DA CLASSE OPERÁRIA

A greve quebrou o imobilismo das negociações novo A.C.T. dos ferroviários

A greve de 1 hora no dia 20 de Outubro era apenas um aviso, no justo dizer dos ferroviários. O governo e a CP tiveram-no em conta. Dias antes o Sindicato dos Serviços Centrais confirmara o imobilismo das negociações ao afirmar num comunicado aos associados: « não se pode prever quando estarão terminadas as negociações e muito menos a data em que o novo Acordo Colectivo de Trabalho entrará em vigor ». Subitamente, no dia 19 de Novembro, o novo Acordo era assinado.

Depois do aumento médio de 12,2%, obtido em Janeiro, graças à sua luta tenaz, os ferroviários acabam de alcançar: aumentos de 240\$00 para os vencimentos inferiores a 2.000\$00; aumentos de 200\$00 para vencimentos superiores a 2.000\$00. Além dum subsídio de férias de 50%, os ferroviários conseguiram ainda outras pequenas regalias. Uma justa exigência dos trabalhadores foi atendida: quem menos ganha tem maior aumento.

A palavra de ordem de greve foi amplamente seguida

Enquanto as direcções sindicais se encerravam no caso das negociações com a CP e o governo, os ferroviários alargavam e fortaleciam a sua organização. O apelo à greve, lançado no dia 14 de Outubro pelo Secretariado Permanente do Conselho Geral da Classe Ferroviária, organismo unitário da confiança da classe, foi largamente distribuído entre os ferroviários. Nos dias 19 e 20, dezenas de milhares de tarjetas levavam em todas as linhas a palavra de ordem de greve aos ferroviários.

Na estação do Rossio, durante a greve, houve exemplos de grande audácia combativa, julgando tra-

tar-se dum « combóio-fura », cerca de 100 ferroviários saltaram intrépido para a linha, dispostos a impedirem a sua entrada na estação.

Além das já referidas no « Avante! », a greve estendeu-se a outras linhas e estações do País. Em Braço de Prata, a greve foi total. Como na linha de Sintra, ficaram imobilizados todos os combóios da linha da Beira Alta, os transvias da linha Rossio-Azambuja e os combóios em manobras nas estações do Barreiro, Beja e outras. A greve foi total nas estações de Viseu, Coimbra, Ovar e Alfaiates. Embora parcial, houve greve nas estações de Campanhã, Contimil e Gaia.

A greve foi seguida com entusiasmo por mais de 12.000 ferroviários, mas há que contar com todos os que foram impedidos de nela participar por não estarem de serviço aquela hora. Num momento em que as forças democráticas, apoiadas nas massas populares, reclamavam o direito de greve, os ferroviários impunham este direito lançando-se corajosamente em greve.

A assinatura do ACT importante vitória dos ferroviários

O Acordo Colectivo dos Ferroviários foi denunciado em 13 de Maio de 1964. Só 4 anos depois, quando os 30.000 ferroviários passaram do descontentamento à luta aberta o governo e a CP nomearam uma comissão encarregada da sua revisão e concederem pequenos aumentos e os parcos benefícios da Previdência. Instalando na sua manobra dilatória, o governo e a CP foram ao ponto de proibir as direcções sindicais de darem conhecimento das negociações aos ferroviários e proibir de que eram « secretas ». Entretanto, estes fortaleceram a sua unidade e organização. No dia 30 de Abril, cerca de 1.000 operários e empregados das oficinas e movimento do Barro concentraram-se junto da sede do sindicato do sul. No dia 2 de Agosto, mais de 1.000 ferroviários concentraram-se e manifest-

levam-se ao centro de Lisboa. No dia 20 de Outubro, mais de 12.000 ferroviários recorreram à greve.

Prosseguindo a sua ofensiva após a greve, logo nos primeiros dias de Novembro, os ferroviários reclamaram uma entrevista entre uma delegação sua e o presidente do Conselho de Administração da CP, através duma carta com mais de 1.000 assinaturas. Como esta tivesse ficado sem resposta, uma comissão de ferroviários, acompanhada por mais de 200, apresentou-se na Administração no dia 11 de Novembro logo de manhã. Ali permaneceram todo o dia, revendo-se. Os magnatas da CP tiveram que ceder. Os ferroviários insistiram então na rápida solução dos seus problemas.

Faça sua acção unida, tenaz e organizada, os ferroviários forçaram o governo e a CP a recuar. O Acordo Colectivo de Trabalho, assinado após o êxito da greve, constitui outra importante vitória dos ferroviários.

A luta não pode parar

Como represália, a CP suspendeu 20 ferroviários provocando uma onda de protestos que a forçaram a levantar sem demora essas suspensões.

Os operários da CUF boicotam as eleições da CIE

As eleições tiveram lugar nos começos de Novembro. Porém, em vez de deixarem na urna a lista com os nomes dos novos delegados, os operários deixaram uma lista com as suas reivindicações imediatas: AUMENTO GERAL DE 20\$00, PAGAMENTO DOS 30 DIAS E PAGAMENTO DO 13.º MÊS.

Embora não conheçamos todos os resultados da votação, os que apontamos são significativos:

— Cidadela: 202	listas com reivindicações:	3 com nomes
— Secariz: 230	€ € €	21,0 € €
— Montejane: 183	€ € €	21 € €
— Fátima: 125	€ € €	2 € €
— Moscaviz: 132	€ € €	6 € €

Não é de esperar que os restritos resultados sejam diferentes. Os tubirões Melos perdem assim um terreno legal para manobrar. Não houve eleição de novos delegados. Houve, sim, uma eleição de reivindicações dos trabalhadores!

O VII CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL

O VII Congresso Sindical Mundial realizado recentemente em Budapeste, constituiu uma importante manifestação de solidariedade internacional.

A unidade da classe operária e de todos os trabalhadores, a crítica e o desenvolvimento na exploração e o imperialismo e a luta pela liberdade sindical foram os objectos principais do trabalho desenvolvido no Congresso. O desactivar a liberdade lutam em seus países e contra o objecto de Portugal relatório de numerosos sindicatos e movimentos de luta sindical e um dos que enfrentam lutam em dados sin o movim prestar u Entre o aprovad ORENTO APELO, TO DE DIRE INTERV Vitoriano luges, (social), ane e s Nua a i organize esses de lutas no.

ram num poderoso movimento reivindicativo com greves, paralisações de trabalho e outras formas de acção, forçando o patronato a ceder total ou parcialmente às suas reivindicações. Abordou o problema sindical e o estado José Vi-

colaboração e o partidos, eavam a Angola, re que os trasser da es (as) contra s pendemo- guerra e povos

EM REUNIÕES E ASSEMBLEIAS A CLASSE OPERÁRIA ENCONTRA O MELHOR CAMINHO

Nos princípios de Outubro e no dia 18 do mesmo mês, tiveram lugar reuniões de carácter regional com a participação de dezenas de operários da CUF, UFA, Arsenal de Alentejo, Lisnave, Ferroviários do Barreiro, cortice, construção civil e observadores da CUF de Lisboa, onde foram discutidos os problemas reivindicativos, de carácter económico, social e político dos trabalhadores. Em todas as reuniões foi discutida a necessidade de encetar formas de acção que conduzam à satisfação das suas reivindicações.

cerce de 100 trabalhadores, foi aprovada a Carta Reivindicativa dos Trabalhadores da CUF do Barreiro. Dado o interesse que despertou, estiverem presentes como observadores operários da Siderurgia, da cortice e outros.

Em reuniões e assembleias, os trabalhadores fortalecem a sua unidade e organização e discutem o caminho a seguir na sua luta.

Intensificar a sua realização em todos os centros industriais, num momento em que o custo de vida atinge alturas nunca vistas, eis uma tarefa de maior importância

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

Amigo e arredores e da loja e da quinta Assim foi temperado o aço Avião vermelho Benito Caraca (XII) Catarina Coelho vermelho Comissão sem encargo Couraçado Potenski Emblemas soviéticos	50300 100500 50500 250500 20500 3.000500 18300 100500 200500 300500 70500	Família unida 25\$00 Ferroviários portugueses, 260\$ Grão vermelho 100\$ Liberdade para Pires Jorge 1.000\$00 e para Canais Rocha 150\$00 Luta armada 500\$00 Manuel Rodrigues da Silva (FOT) 60\$00 Mina vermelha 500\$00 Música revolucionária 100\$00 O futuro à nossa 500\$00 Pela brilhante	vitória do povo português 140\$00 Pela liberdade 500\$ Grão socialização de me. dicina 1.100\$00 e unidade 500\$00 Por um Portugal livre 400\$00 Povoação vermelha 2.000\$00 Presos políticos 540\$00 Revolucionário emigrante 100\$00 T.U. 14 1.000\$00	Um amigo e a família 100\$00 Um grupo de alentejanos 200\$ Velho camarada 75\$00 Vi-jante 100\$00 Vitória 2.666\$50 e socialista 20\$00 r vermelhos 120\$00 viva o PCP 400\$00 1 amigo 75\$00 4 simpatizantes 20\$00 TOTAL: 17.362\$00
---	---	--	--	--

NOTA: Recebemos de solidariedade para os presos políticos (lista do « Humanista ») o correspondente a 3.500 francos.



TAM
vem-
a Ma-
se no
reivin-
o con-
a sua
cujas
cipem
urinha
totali-
sas das
ações
ssões
sas. O
endo-
es que
a ten-
apren-
os offi-

Já em 1969 cerca de 100.000 trabalhadores da região de Lisboa, Baixo Ribatejo e margem sul do Tejo participa-

A greve quebrou o imobilismo das negociações - novo ACT dos ferroviários

A greve de 1 hora no dia 20 de Outubro era apenas um aviso, no justo dizer dos ferroviários. O governo e a CP tiveram-no em conta. Dias antes o Sindicato dos Serviços Centrais confirmara o imobilismo das negociações ao afirmar num comunicado aos associados: «não se pode prever quando estarão terminadas as negociações e muito menos a data em que o novo Acordo Colectivo de Trabalho entrará em vigor». Subitamente, no dia 11 de Novembro, o novo Acordo era assinado.

Depois do aumento médio de 12,2% obtido em Janeiro, graças à sua luta tenaz, os ferroviários acabam de alcançar: aumentos de 240\$00 para os vencimentos inferiores a 2.000\$00; aumentos de 200\$00 para vencimentos superiores a 2.000\$00. Além dum subsídio de férias de 50%, os ferroviários conseguiram ainda outras pequenas regalias. Uma justa exigência dos trabalhadores foi atendida: quem menos ganha tem maior aumento.

A palavra de ordem da greve foi amplamente seguida

Enquanto as direcções sindicais se encerravam no casulo das negociações com a CP e o governo, os ferroviários alargavam e fortaleciam a sua organização. O apelo à greve, lançado no dia 14 de Outubro pelo Secretariado Permanente do Conselho Geral da Classe Ferroviária, organismo unitário da confiança da classe, foi largamente distribuído entre os ferroviários. Nos dias 19 e 20 dezenas de milhares de tarjetas levavam em todas as linhas a palavra de ordem de greve aos ferroviários.

Na estação do Rossio, durante a greve, houve exemplos de grande audácia combativa. Julgando tratar-se dum «comboio fura», cerca de 100 ferroviários saltaram intrepidamente para a linha, dispostos a impedirem a sua entrada na estação.

Além das já referidas no «Avante!», a greve estendeu-se a outras linhas e estações do País». Em Braço de Prata, a greve foi total. Como na linha de Sintra, ficaram imobilizados todos os comboios da linha da Beira Alta, os transvias da linha Rossio-Azambuja e os comboios em manobras nas estações do Barreiro, Beja e

outras. A greve foi total nas estações de Viseu, Coimbra, Ovar e Alfarelos. Embora parcial, houve greve nas estações de Campanhã, Contumil e Gaia.

A greve foi seguida com entusiasmo por mais de 12.000 ferroviários, mas há que contar com todos os que foram impedidos de nela participar por não estarem de serviço àquela hora. Num momento em que as forças democráticas, apoiadas nas massas populares, reclamavam o direito de greve, os ferroviários impunham este direito lançando-se corajosamente em greve.

A assinatura do ACT importante vitória dos ferroviários

O Acordo Colectivo dos Ferroviários fora denunciado em 13 de Maio de 1964. Só 4 anos depois, quando os 30.000 ferroviários passaram do descontentamento à luta aberta o governo e a C. P. nomearam uma comissão encarregada da sua revisão e concederam pequenos aumentos e os parcos benefícios na Previdência.

Insistindo na sua manobra dilatória, o governo e a CP foram ao ponto de proibir as direcções sindicais de darem conhecimento das negociações aos ferroviários a pretexto de que eram «secretas». Entretanto, estes fortaleceram a sua unidade e organização. No dia 30 de Abril, cerca de 1.000 operários e empregados das oficinas e movimento do Barreiro concentraram-se junto da sede do sindicato do sul. No dia 2 de Agosto, mais de 1.000 ferroviários concentravam-se e manifestavam-se no centro de Lisboa.

No dia 20 de Outubro, mais de 12.000 ferroviários recorreram à greve.

Prosseguindo a sua ofensiva após a greve, logo nos primeiros dias de Novembro, os ferroviários reclamaram uma entrevista entre uma delegação sua e o presidente do Conselho de Administração da CP, através dum carta com mais de 1.000 assinaturas. Como esta tivesse ficado sem resposta,

uma comissão de ferroviários, acompanhada por mais de 200, apresentou-se na Administração no dia 11 de Novembro logo de manhã. Ali permaneceram todo o dia, revezando-se. Os magnates da CP tiveram que ceder. Os ferroviários insistiram então na rápida solução dos seus problemas.

Pela sua acção unida, tenaz e organizada, os ferroviários forçaram o governo e a C.P. a recuar. O Acordo Colectivo de Trabalho, assinada após o êxito da greve, constitui outra importante vitória dos ferroviários.

A luta não pode parar

Como represália, a CP suspendia 20 ferroviários provocando uma onda de protestos que a forçaram a levantar sem demora 19 dessas suspensões.

Fazendo pairar a ameaça de despedimentos de 3.000 ferroviários que diz que «poderia dispensar imediatamente», a CP recorre a outra manobra intimidativa a que os ferroviários saberão responder recusando-se simplesmente a fazer mais horas extraordinárias.

A C.P. e o governo preparam-se para intensificar a exploração dos ferroviários exigindo-lhes aumentos de produção sem contra-partida dum técnica mais elevada para compensar os encargos resultantes do novo A.C.T. A chamada «Comissão de Relações Humanas» (irmã gémea da CIE da CUF e da Lisnave e quejandas) visa o mesmo objectivo. Sob o falso lema de «colaboração» entre patrões e trabalhadores procura entravar a acção organizada dos ferroviários.

Ferrovários! Cada vez mais confiantes nas vossas forças, sempre com audácia e determinação, adiante na luta contra a exploração, contra a ameaça de despedimentos, contra as suspensões e inquéritos, pela satisfação de todas as vossas justas reivindicações!

A luta não pode parar!

4 AVANTE

**A greve quebrou o imobilismo das negociações
novo A.C.T. dos ferroviários**



Na introdução aos trabalhos, o dirigente sindical e jovem trabalhador recém-entrado na CP, aquando das lutas de 1969, José de Almeida, contou como viveu o 2 de Janeiro de 1969, nas oficinas do Barreiro, quando os operários perderam o medo e enfrentaram a PIDE.

Carlos Domingos explicou, minuciosamente, como foi possível organizar 30 mil trabalhadores ferroviários, dispersos por todo o território nacional, para uma luta por melhores condições de vida, de trabalho e remuneratórias, vencendo o medo da repressão, do despedimento, da prisão e da tortura.

Direitos por consagrar

Carlos Domingos foi enviado pelo Partido para reorganizar a célula comunista da CP no Barreiro, após traições internas que comprometeram o funcionamento regular da organização clandestina.

Enquanto o orador ia explicando as dificuldades que tiveram de ser ultrapassadas para o sucesso da luta de 1969, ia ficando claro como as reivindicações centrais da altura são semelhantes às de hoje.

Na luta empreendida em pleno fascismo marcelista, os ferroviários reivindicaram aumentos salariais de mil escudos, para uma classe que era das mais mal pagas do País; direito a um subsídio de renda de casa; horários de trabalho de oito horas diárias para todas as estações, apeadeiros e passagens de nível; pagamento das horas extraordinárias com mais 50 por cento e a sua contabilização feita diariamente; subsídio de férias equivalente a um mês de vencimento; assistência médica e medicamentosa equivalente à prestada pela Federação das Caixas de Previdência e actualização dos subsídios para fardamentos.

Fazendo a ponte entre as reivindicações do passado e as do presente, Amável Alves recordou como muitos dos objectivos daquela luta são reivindicações actuais por culpa do Código do Trabalho e das políticas de direita dos governos PS, PSD e CDS-PP.

O presidente do SNTSF, José Manuel Oliveira, salientou como tem sido importante a unidade na acção por causas e reivindicações concretas, lutas que os ferroviários têm assumido com mais vigor, nos últimos anos. Salientou recentes conquistas dos trabalhadores, um aumento da sindicalização e um rejuvenescimento

dos quadros sindicais.

Vítor Pereira, como Amável Alves, ex-trabalhador da Carris, recordou como esta luta foi inspirada pela também famosa «greve das malas», e salientou o papel que, na organização dos trabalhadores, também nesta luta, tiveram o Partido Comunista Português e os seus quadros.

O «luto»

Após mais de 5 mil cartas enviadas à Comissão constituída pelos trabalhadores com sugestões para a continuação da luta, os ferroviários iniciaram, a partir de 2 de Janeiro de 1969, o que ficou conhecido como «luto ferroviário». Passaram a exhibir uma braçadeira negra no braço direito, para evitar confusões, pois aquela faixa costumava ser ostentada, em casos de falecimento de algum familiar, no braço esquerdo. A orientação foi cumprida por todo o pessoal, a nível nacional.

A repressão da PIDE foi imediata, com prisões e espancamentos de destacados activistas. Os operários resistiram sempre às tentativas para que retirassem as braçadeiras. Como ao «luto» não foi marcada data-limite, havia o perigo da desmoralização provocada com o passar do tempo. Depois de o sindicato fascista ter anunciado que era impossível negociar os termos de um novo ACT, os trabalhadores formam um Conselho Nacional da Classe Ferroviária que anunciou, para 20 de Outubro de 1969, uma greve, entre as 15 e as 16 horas, luta que foi cumprida pela generalidade da classe. A repressão endureceu, mas os trabalhadores acabaram por obter conquistas e direitos, impondo à administração e ao Governo fascista a consagração de muitas das suas reivindicações.

O imprescindível PCP

Durante o relato dos acontecimentos passados foram sucessivamente recordados outros protagonistas da luta, já malogrados e de igual importância para o seu sucesso, uns, já na altura, militantes comunistas, e outros que, forjados por aquela luta, assumiram mais tarde responsabilidades várias de direcção partidária e sindical, como recordou no final, Carlos Domingos. De tudo o que disse, quis deixar claro o que considerou ser a receita para o sucesso de qualquer luta, «recordando o ideólogo revolucionário, V. I. Lênine, o fundamental é prosseguir sempre organizando os camaradas, em células, em cada local de trabalho, porque é esse o melhor garante da unidade».

Ferrovários evocaram «luto ferroviário» de 1969 Ontem como hoje, a mesma luta

Evocar as lutas dos ferroviários em 1969 e demonstrar a capacidade de organização que levou à unidade e à conquista de direitos, em plena noite fascista, foi o propósito de uma sessão onde ficou claro que os objectivos das lutas de ontem são os mesmos de hoje.

Para assinalar o 40.º aniversário da luta dos trabalhadores ferroviários portugueses, «contra as miseráveis condições de vida e de trabalho a que estavam condenados pelo governo fascista e pelos seus lacaios do Conselho de Administração da CP», como começou por explicar o orador principal, Carlos Domingos, o Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Sector Ferroviário fez uma sessão evocativa, dia 16, na sala da sede do Sindicato da Hotelaria, em Lisboa, que se encheu, maioritariamente, de representantes sindicais.

«Melhorar as condições de vida e de trabalho, 1969-2009, a mesma luta» foi o tema da sessão. O único organizador desta luta, desde o seu início, ainda vivo, Carlos Domingos, foi o principal orador da sessão e homenageado a que se seguiram intervenções do presidente do SNTSF/CGTP-IN, José Manuel Oliveira, do membro da Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN e coordenador da Federação dos Sindicatos de Transportes e Comunicações, Amável Alves, e do dirigente, também da Fectrans/CGTP-IN, Vítor Pereira. Entrevieram, posteriormente, representantes sindicais ferroviários e alguns aposentados, actuais membros da Inter-Reformados, participantes naquela histórica luta que recordaram alguns episódios.

CARTA ABERTA DOS FERROVIÁRIOS PORTUGUESES AO GOVERNO, À COMPANHIA E À COMISSÃO DE REVISÃO DO ACORDO COLECTIVO DE TRABALHO DA CP

Em 2, 3 e 4 do corrente mês de Fevereiro, foi divulgada pela rtp e pela imprensa diária um comunicado da Comissão de Revisão do Acordo Colectivo de Trabalho da CP nomeada pelo Ministério das Corporações, onde se afirmava "que todos os papéis subscritos pela Comissão Nacional dos Ferroviários" que, aliás, a referida Comissão de Revisão " não sabe por quem é constituída" "só servem para desorientar os ferroviários, dificultando as negociações em curso".

Então, aquilo que nós pedimos e achamos justo e conveniente para nós, só serve [para] prejudicar os nossos interesses?

Decididamente, os ferroviários estão fadados a não serem entendidos nem pela Empresa, nem pelo Estado, nem pelos mandatários de uma e de outro.

Será que nós não falamos portugueses?

Que temos sido tratados de maneira diferente da usada para com bom número de outros portugueses, isso já nós tínhamos verificado e disso nos temos queixado. Que temos sido desrespeitados, humilhados, ignorados, como se fossemos os últimos dos párias numa sociedade de castas, em vez de dignos cidadãos de uma sociedade que mergulha as suas raízes na civilização ocidental e cristã, isso não há ninguém que o não saiba e na carne da nossa carne o sentimos.

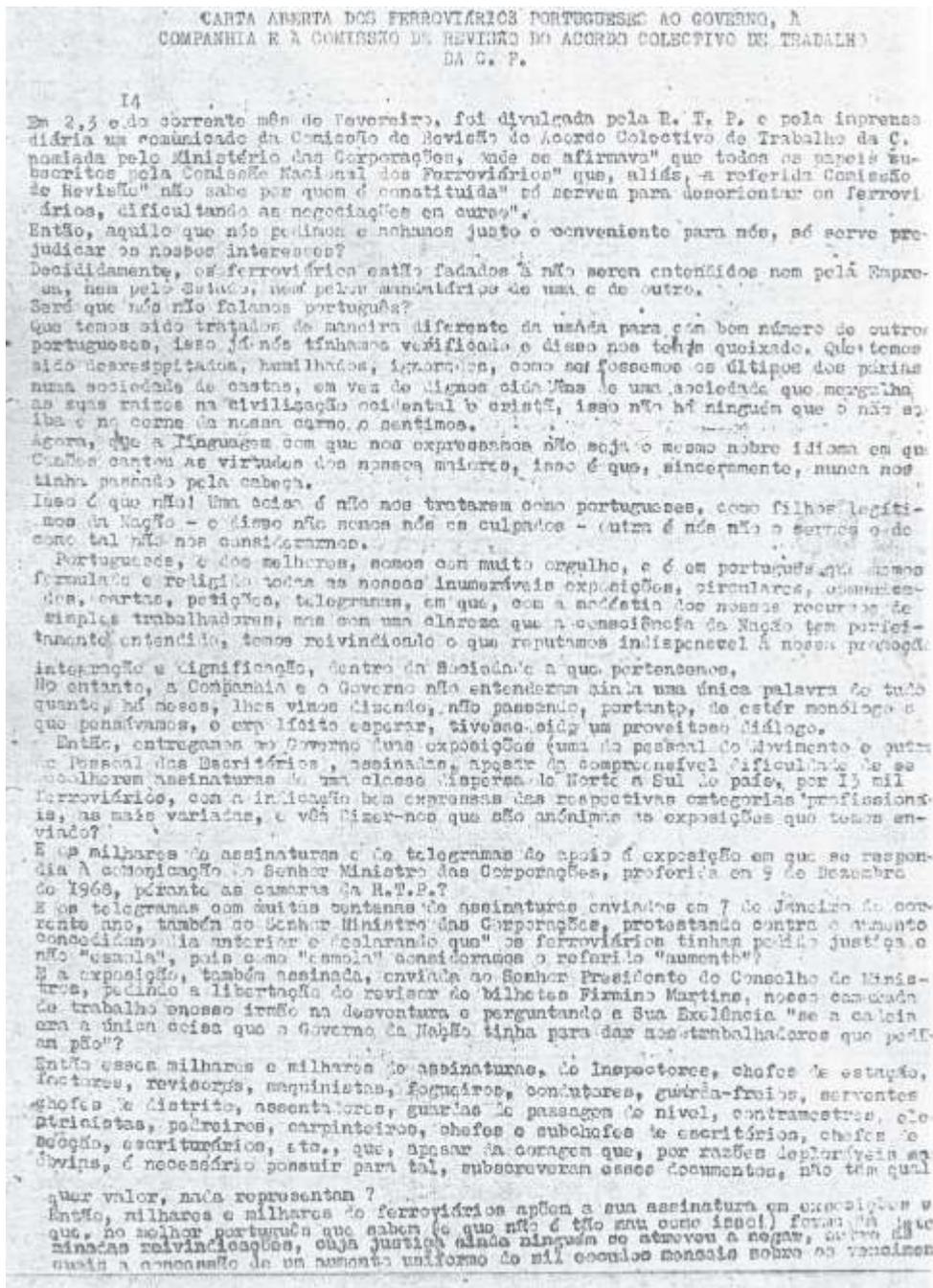
Agora, que a linguagem com que nos expressamos não seja o mesmo nobre idioma em que Camões cantou as virtudes dos nossos maiores, isso é que, sinceramente, nunca nos tinha passado pela cabeça.

Isso é que não! Uma coisa é não nos tratarem como portugueses, como filhos legítimos da Nação - e disso não somos nós os culpados - outra é nós não o sermos e de como tal não nos considerarmos.

Portugueses, e dos melhores, somos com muito orgulho, e é em português que temos formulado e redigido todas as nossas

inumeráveis exposições, circulares, comunicados, cartas, petições, telegramas, em que, com a modéstia dos nossos recursos de simples trabalhadores, mas com uma clareza que a consciência da Nação tem perfeitamente entendido, temos reivindicado o que reputamos indispensável à nossa promoção, integração e dignificação, dentro da sociedade a que pertencemos.

No entanto, a Companhia e o Governo não entenderam ainda uma única palavra de tudo quanto, há meses, lhes vimos dizendo, não passando, portanto, de estér monólogo o que pensávamos, e era lícito esperar, tivesse sido um proveitoso diálogo.



Documentos: Carta Aberta de Fevereiro 1969 (cont.)

Então, entregámos ao Governo duas exposições (uma do pessoal do Movimento e outra do pessoal dos Escritórios), assinadas, apesar da compreensível dificuldade de se recolherem assinaturas de uma classe dispersa de Norte a Sul do país, por 13 mil ferroviários, com a indicação bem expressa das respectivas categorias profissionais, as mais variadas, e vêm dizer-nos que são anónimas as exposições que temos enviado?

E o milhares de assinaturas e telegramas de apoio à exposição em que se respondia à comunicação do Senhor Ministro das Corporações, protestando contra o aumento concedido no dia anterior e declarando que "os ferroviários tinham pedido justiça e não «esmola», pois como «esmola» consideramos o referido «aumento»?

E a exposição, também assinada, enviada ao Senhor Presidente do Conselho de Ministros, pedindo a libertação do revisor de bilhetes Firmino Martins, nosso camarada de trabalho e nosso irmão na desventura e perguntando a Sua Excelência "se a cadeia era a única coisa que o Governo da Nação tinha para dar aos trabalhadores que pediam pão"?

Então esses milhares e milhares de assinaturas, de Inspectores, chefes de estação, factores, revisores, maquinistas, fogueiros, condutores, guarda-freios, serventes, chefes de distrito, assentadores, guardas de passagem de nível, contramestres, electricistas, pedreiros, carpinteiros, chefes e subchefes de escritórios, chefes de secção, escriturários, etc., que, apesar da coragem que, por razões deploráveis mas óbvias, é necessário possuir para tal, subscreveram esses documentos, não têm qualquer valor, nada representam?

Então milhares e milhares de ferroviários apõem a sua assinatura em exposições que, no melhor português que sabem (e que não é tão mau como isso) formalizam determinadas reivindicações, cuja justiça ainda ninguém se atreveu a negar, entre as quais a concessão de um aumento uniforme de mil escudos mensais sobre os vencimentos auferidos (os próprios Sindicatos pediram aumentos ainda mais vultosos, o que prova que não era nada exagerado o nosso pedido em relação àquilo que ganhávamos); esse pedido é puro e simplesmente ignorado, pois a miséria de "aumento" que nos concederam nem é de mil escudos, nem é uniforme (a uma guarda de passagem de nível

atribuíram 100\$00 e ao Director Geral 2.200\$00). Isto é, o Director-Geral teve um aumento superior aos próprios vencimentos da esmagadora maioria dos restantes ferroviários.

A Comissão de Revisão do ACT sanciona esse aumento, que sabe muito bem contrariar de maneira flagrante os desejos e as necessidades dos ferroviários e vêm agora dizer-nos que os Sindicatos, representados nessa Comissão "é que têm feito tudo para que as nossas justas aspirações sejam satisfeitas" e que a Comissão Nacional dos Ferroviários (que nos representa a todos) afinal, procura "desorientar-nos e desiludir-nos"?

Mas que lógica é esta? Será que não falamos a mesma língua, voltamos a perguntar?

Então, para que as "nossas aspirações" sejam "nossas" não é necessário que sejamos nós a formulá-las? E, uma vez que são justas, como o reconhece a Comissão de Revisão do ACT e, portanto, o próprio Ministério das Corporações, e que devem ser satisfeitas, não será necessário que sejam satisfeitas na medida da justiça que lhes cabe, isto é, exactamente como foram formuladas?

Então uma delegação de 12 ferroviários, em nome da Comissão Nacional dos Ferroviários, entrega pessoalmente no Ministério das Corporações uma exposição, repetimos subscrita por cerca de 13 mil de nós, e apoiada por milhares de outros, e vêm dizer-nos que o que nós pedimos não é bom para nós, que nos enganamos a nós mesmos, que nós queremos o nosso próprio mal, que estamos enganados, que não precisamos de tanto como pedimos e que quem quer o nosso bem é quem "se esteve nas tintas" para as nossas reivindicações, quem deu a alguns de nós um décimo do que pedimos e a outros pouco mais, e quem se prepara, por certo, para impedir que as nossas "néscias" aspirações sejam realizadas (não se dê o caso de nos caírem na fraqueza) e substituídas por outras mais "conformes" com o que eles "sabem" ser as nossas necessidades?

Não brinquem connosco: Como nos querem convencer, se sabem que as nossas aspirações são justas e nos dão infinitamente menos do que pedimos?

Porque não experimentam dar-nos o que nós pedimos e avaliar, assim, se é a confusão que nós queremos estabelecer, ou simplesmente, tentamos obter a satisfação das regalias que há tanto tempo vimos reivindicando.

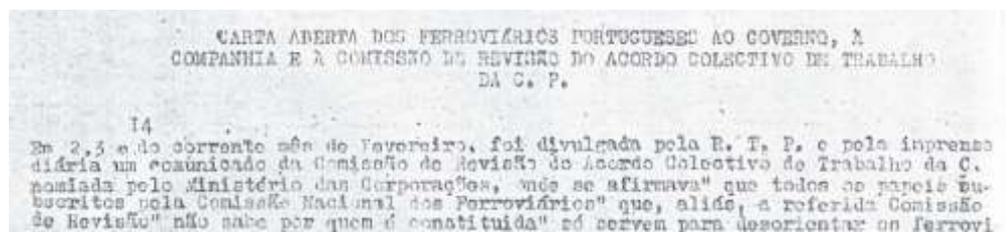
Não! Não vale a pena tentar lançar a confusão entre os ferroviários, porque nós, os ferroviários estamos conscientes e unidos como um só homem e uma só mulher na justa luta pela conquista dos nossos direitos! "A fome mete a lebre ao caminho" diz a sabedoria popular. Pois também a nós a fome meteu ao caminho: fome de pão, fome de justiça, fome de compreensão, fome de dignidade!

Sabemos perfeitamente o que queremos, e vezes sem conta o dissemos já ao Governo e à Companhia; sabemos que fomos completamente ignorados; sabemos que, apesar da nossa luta se manter apenas no campo do diálogo e da legalidade (teria sido esse o nosso erro?), um dos nossos camaradas foi injustificadamente detido pela PIDE que o submeteu a brutais sevícias e espancamentos (nada mudou, afinal!); sabemos que pedimos pão e nos deram migalhas; sabemos que tentarão mais uma vez enganar-nos com o novo Acordo Colectivo de Trabalho; mas sabemos, também, e queremos que todos saibam, que estamos atentos a essas manobras, firmemente unidos e dispostos a não deixar enganar-nos. Não nos conformaremos com a miséria!

Portugal, Fevereiro de 1969

A Comissão Nacional dos Ferroviários

Lê, divulga, tira cópias, faz circular.



I ENCONTRO NACIONAL DOS FERROVIÁRIOS

CONCLUSÕES

Na primeira quinzena do mês de Março realizou-se em Lisboa o I Encontro dos Ferroviários. Estiveram presentes bastantes delegados em representação das várias categorias profissionais de diversos pontos do país.

Foram debatidos vários assuntos de interesse para a classe de que damos, a seguir, os principais tópicos e, bem assim, as conclusões desse Encontro:

1- Analisadas as reivindicações apresentadas à Administração da C. P. e ao Governo foi decidida a intensificação da luta pela sua obtenção.

Em relação às reivindicações constantes da exposição enviada ao Sr. Ministro das Corporações, foi decidido fazer algumas concessões naquilo que se nos não afigurar demasiado importante, mantendo-nos, porém, firmes nas que são efectivamente vitais para a classe.

Quanto às reivindicações fundamentais e urgentes, é de salientar, a conquista pela classe da assistência médica e medicamentosa através da Federação das Caixas, assim como outras pequenas regalias.

O próprio aumento concedido pela Companhia foi-o como consequência da nossa luta. No entanto, ele representou praticamente uma recusa da Administração em atender o nosso pedido de aumento geral de salários.

O aumento de salários continua a ser a nossa primeira reivindicação e a mais importante. A reivindicação de mil escudos mantém-se, a não ser que a Administração aceite negociar uma contra-proposta.

Além do aumento de salários, as outras reivindicações fundamentais continuam a ser: horário de trabalho de oito horas para todas as estações, apeadeiros e passagens de nível; pagamento de horas extraordinárias com o aumento de 50%; subsídio de Natal; actualização do subsídio de fardamentos e concessão de diuturnidades por antiguidade na Companhia e não na categoria, como parece ser a intenção da Administração.

2- Salienta-se, assim, o carácter puramente reivindicativo da luta dos ferroviários, São de repudiar todas as tentativas feitas pelo Governo e pela Administração para conferir-lhe um carácter político com o

fim de tentarem justificar a repressão. Os boatos que espalham nesse sentido devem ser inexoravelmente desmascarados e energeticamente repudiados.

Se há algo de político no nosso movimento é precisamente a intervenção da PIDE nos assuntos dos ferroviários.

3- A repressão tem sido a única resposta do Governo e da Administração às reivindicações dos ferroviários.

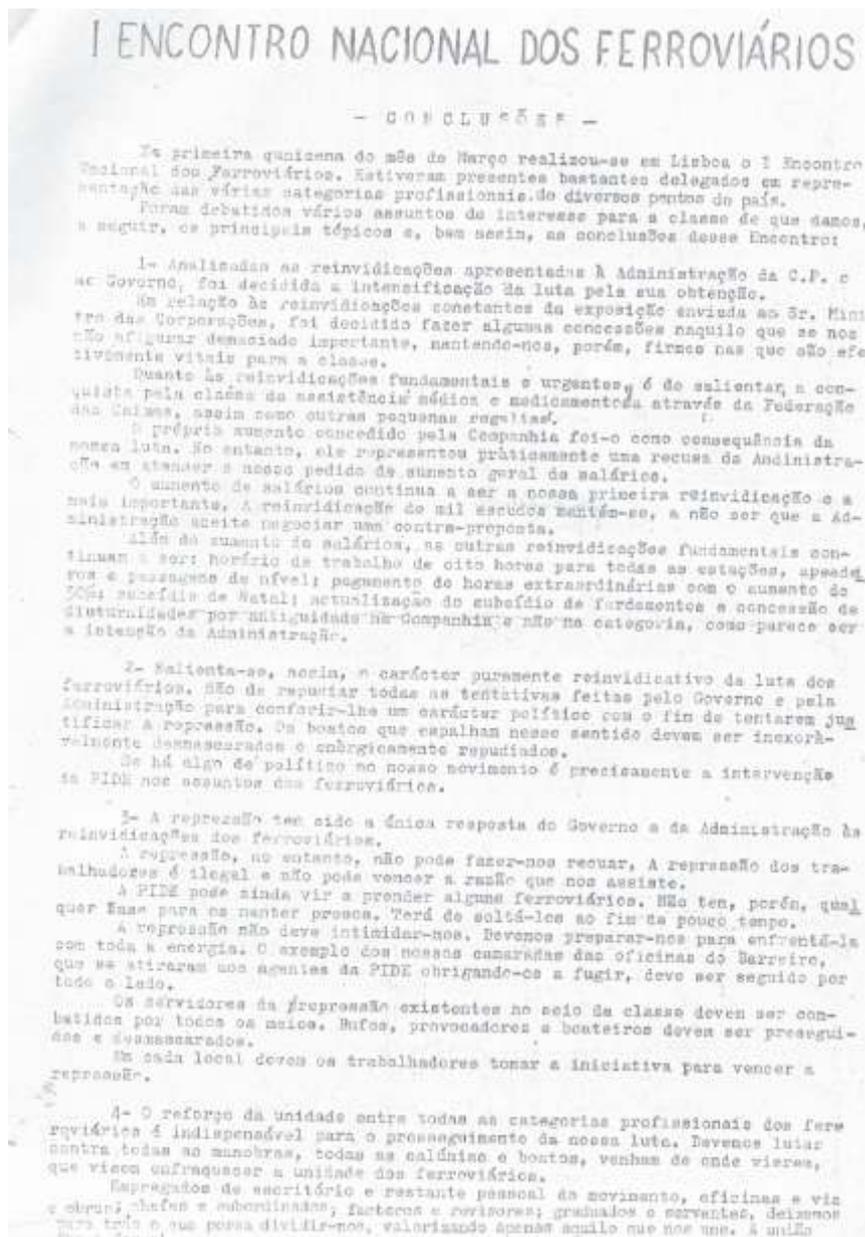
A repressão, no entanto, não pode fazer-nos recuar. A repressão dos trabalhadores é ilegal e não pode vencer a razão que nos assiste.

A PIDE pode ainda vir a prender alguns ferroviários. Não tem, porém, qualquer base para os manter presos. Terá de soltá-los ao fim de pouco tempo.

A repressão não deve intimidar-nos. Devemos preparar-nos para enfrentá-la com toda a energia. O exemplo dos nossos camaradas das oficinas do Barreiro, que se atiraram aos agentes da PIDE obrigando-os a fugir, deve ser seguido por todo o lado.

Os servidores da repressão existentes no seio da classe devem ser combatidos por todos os meios. Bufos, provocadores e boateiros devem ser preseguídos e desmascarados.

Em cada local devem os trabalhadores tomar a iniciativa para vencer a repressão.



4- O reforço da unidade entre todas as categorias profissionais dos ferroviários é indispensável para o prosseguimento da nossa luta. Devemos lutar contra todas as manobras, todas as calúnias e boatos, venham de onde vierem, que visem enfraquecer a unidade dos ferroviários.

Empregados de escritório e restante pessoal do movimento, oficinas e vias e obras; chefes e subordinados; factores e revisores; graduados e serventes, deixemos para trás o que possa dividir-nos, valorizando apenas aquilo que nos une. A união faz a força!

5- Todas as acções que até aqui utilizámos, desde a recolha de assinaturas até ao luto, se situam num campo estritamente legal.

A experiência demonstrou, porém, que estas formas de luta foram insuficientes para obrigar os nossos patrões a atender as nossas justas reivindicações. É necessário levar por diante outras formas de luta mais potentes, como concentrações, manifestações, cerra, paralisações e, se necessário, greve.

As formas tradicionais de luta devem, no entanto, continuar a ser empregadas a par das outras e até desenvolvidas. A acção legal junto dos sindicatos deve der acentuada.

Com efeito, salvo o caso do Sindicato dos Serviços Centrais, cujo presidente se tem batido pelos interesses dos seus associados e, ao mesmo tempo, por aquilo que há de comum, pelos interesses de toda a classe, os restantes dirigentes não parecem serem capazes de oferecer resistência às imposições quer da Administração quer do Governo.

A combinação das formas tradicionais de luta com outras formas mais potentes e decisivas é que pode levar os ferroviários à vitória.

6 - A informação correcta e constante da nossa luta não só a todos os ferroviários como também ao conjunto da população é indispensável para rebater as deturpações que a Administração, o Ministério e a Comissão do ACT fazem publicar na imprensa diária e a Direcção do Sindicato do Centro no seu Boletim Informativo. Dado que a Censura tem impedido sistematicamente a divulgação pela imprensa e rádio dos problemas e da luta dos ferroviários, tornar-se-á necessário a utilização de outros meios eficazes de informação. Continuaremos a enviar informações para a imprensa diária, para a imprensa regional, para as agências de informação, etc.. Passaremos a enviar material informativo para as direcções de colectividades populares, para os núcleos de emigrados portugueses no estrangeiro, etc.. Mas a grande solução seria a criação de um boletim informativo próprio da classe que fosse, por excelência, o veículo de toda a informação sobre a situação e a luta dos ferroviários portugueses. Foi unanimemente aprovado um voto de louvor e agradecimento ao "Jornal do Entroncamento" e ao seu editor, Rev. Padre Carlos, pela maneira como tem defendido os interesses dos ferroviários, não só com a inserção de comunicados da Comissão Nacional dos Ferroviários mas também com a publicação de artigos seus visando o mesmo fim, indo até ao ponto de nas colunas daquele jornal abrir uma subscrição a favor do revisor Firmino Martins aquando da sua prisão pela PIDE. Em contrapartida foi proposto e aprovado um voto de protesto contra o Engº. Vicente das oficinas do Barreiro, pela sua atitude para com dois operários daquelas oficinas a quem aplicou dois e um dia de suspensão pelo facto de terem recolhido donativos

para a família do mesmo revisor. Que duas atitudes tão opostas! ... É necessário que o tal Engº Vicente saiba que os ferroviários (classe a que ele, infelizmente, também pertence) o não esquecem,

7- Para dar a devida continuidade à nossa luta impõe-se o reforço da estrutura, em que se apoia o nosso movimento. Assim, a Comissão Nacional dos Ferroviários deve fortalecer-se, reunir-se periodicamente e lançar-se com audácia na luta, utilizando formas mais ou menos legais. A Comissão Nacional deve promover com urgência a formação de três comissões regionais - do Norte, do Centro e do Sul - com a missão de dirigirem a luta, incluindo a luta sindical, nos seus âmbitos respectivos. A Comissão Nacional dos Ferroviários não deve tomar a responsabilidade de formas de luta consideradas ilegais. Para tomar a iniciativa de lutas mais potentes e decisivas devem ser criados sem demora núcleos de acção ferroviária nos centros mais importantes. Afim de coordenar a acção desses núcleos recomenda-se a formação de um organismo coordenador à escala nacional.

8- A luta dos ferroviários portugueses é uma luta justa. As nossas reivindicações são a expressão das necessidades acumuladas ao longo de muitos anos de injustiça de que temos sido vítimas. Nada mais queremos do que assegurar uma vida decente para nós e para os nossos familiares, longe do espectro da fome e das privações. Apoiados neste espírito, com determinação e coragem, os ferroviários acabarão por ver satisfeitas as suas necessidades mais prementes e resolvidos os seus principais problemas. O sacrifício de hoje é a semente do fruto que amanhã nos cumprirá recolher.

PARALISAÇÃO DE UM HORA - FERROVIÁRIOS:

Depois de mais de um ano de luta persistente, o Governo e a Administração da CP continuam a fazer ouvidos moucos às nossas reivindicações. As vitórias parciais por nós conseguidas, além de pouco significativas, já foram anuladas pelo brutal e constante aumento do custo de vida.

A última machadada nas nossas esperanças foi-nos agora desferida ao termos conhecimento, através do Comunicado nº 31 do Sindicato dos Serviços Centrais, que as negociações para o novo ACT tinham regressado ao ponto de partida.

Seria inconcebível que, depois de tal abuso e menosprezo pela situação dos ferroviários, estes não tomassem rapidamente medidas enérgicas para fazer valer os seus interesses e a sua razão.

Não podemos ficar impassíveis perante esta situação.

O Governo mentiu-nos. As promessas feitas pelo Ministro das Corporações perante as câmaras da RTP relativamente à data da publicação do novo ACT, foram grosseiramente desrespeitadas.

O II Encontro Nacional dos Ferroviários, realizado em 12 do corrente, analisou a situação e resolveu que os ferroviários deviam passar a acções mais enérgicas.

FERROVIÁRIOS:

NO PRÓXIMO DIA 20 DE OUTUBRO, QUE TODOS PARALISEM O TRABALHO DAS 15 ÀS 16 HORAS! Todos sem excepção devem cessar o trabalho durante essa hora.

Empregados de escritório, operários das oficinas, pessoal das salas de desenho! Parei o trabalho e concentrai-vos. Exigi a satisfação das nossas reivindicações.

Pessoal das estações e da via! Abandonai o trabalho e juntai-vos no vosso local de trabalho. Solidarizai-vos uns com os outros!

Revisores! Cessai todo o trabalho de revisão e juntai-vos aos vossos camaradas!

OS COMBOIOS DEVEM PARAR!

Maquinistas! Condutores! Chefes de Estação! Os comboios não devem circular durante essa hora!

Que nenhum Chefe nem Condutor dê o sinal de partida dentro do prazo

estabelecido para a paralização! Nenhum sinal ou agulha deve ser feito! Os comboios em movimento às 15 horas devem circular em "marcha a vista" até à próxima estação e daí não arrancarem antes das 16h. (Maquinistas! Atenção aos sinais e às agulhas não feitas! Em caso de dúvida, parar logo!) O pessoal dos comboios deve abandonar o trabalho e confraternizar com os colegas das estações.

UNIDOS SOMOS MAIS FORTES

Camaradas! Juntemo-nos nas estações, na via, nos escritórios, nas oficinas, nas salas de desenho! Unidos somos mais fortes!

Todos juntos, não permitiremos que os lacaios do patronato procurem impedir a nossa luta ou "furá-la". Que os lacaios sintam receio ao verem os verdadeiros ferroviários unidos e firmes.

ESCLARECER O PÚBLICO

Os revisores, nos comboios, e o restante pessoal, nas estações, devem preocupar-se em esclarecer o público sobre as causas que motivaram a nossa paralização. Ganhemos a opinião pública definitivamente para o nosso lado!

FERROVIÁRIOS!

Que ninguém trabalhe no dia 20 das 15 às 16 horas!

**PARALIZAÇÃO! PARALIZAÇÃO!
PARALIZAÇÃO!**

Outubro de 1969, O Secretariado Permanente
Do CONSELHO GERAL DA CLASSE FERROVIÁRIA!

